



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
DANIELE DA ROCHA FERNANDES
LOIANA MATOS DA SILVA

**A LEITURA EM MEIO ELETRÔNICO COMO FENÔMENO INFORMATIVO E
LITERÁRIO DO SÉCULO 21:
Um levantamento de produção e consumo de livros eletrônicos no Amapá.**

Macapá-AP
2022

DANIELE DA ROCHA FERNANDES

LOIANA MATOS DA SILVA

**A LEITURA EM MEIO ELETRÔNICO COMO FENÔMENO INFORMATIVO E
LITERÁRIO DO SÉCULO 21:**

Um levantamento de produção e consumo de livros eletrônicos no Amapá.

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Monografia, apresentado ao Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, como requisito obrigatório à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Scheibe

Macapá-AP

2022

DANIELE DA ROCHA FERNANDES

LOIANA MATOS DA SILVA

**A LEITURA EM MEIO ELETRÔNICO COMO FENÔMENO INFORMATIVO E
LITERÁRIO DO SÉCULO 21:**

Um levantamento de produção e consumo de livros eletrônicos no Amapá.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Amapá, campus Marco Zero.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Roberta Scheibe

Orientadora

Prof. Dr. Ivan Carlo Andrade de Oliveira

Membro da banca avaliadora

Prof. Dr. Jacks Andrade

Membro da banca avaliadora

Macapá-AP

2022

RESUMO

Devido aos avanços tecnológicos que aconteceram na sociedade atual, o surgimento de livros eletrônicos ocorreu como uma nova forma de compreender e consumir informações. Além disso reformulou o conceito de livro tradicional e tipos de leitores. O presente estudo tem por objetivo mostrar a realidade deste novo modelo de leitura no jornalismo amapaense, além de contribuir para um melhor entendimento sobre o consumo de livros eletrônicos por profissionais da área da comunicação do estado do Amapá. Também busca estabelecer quais os aspectos positivos e negativos do consumo deste tipo de leitura, além de apresentar um levantamento de livros eletrônicos jornalísticos produzidos por comunicadores que residem no estado do Amapá.

Palavras-chave: Livro eletrônico. Leitura. Informação. Jornalismo.

ABSTRACT

Due to technological advances that happened in the actual society, the surging of electronic books occurred as a new way of understanding and consuming information. Besides that, it reformulated the concept of traditional book and types of readers. The present study aims to show the reality of this new model of reading in the amapaense journalism, besides of contribute to a better understanding about the consuming of electronic books by professionals of the communication's area from the state of Amapá. Also search stablish which positive and negative aspects of consuming this type of reading, besides to presenting a survey of journalistic electronic books produced by communicators residing in the state of Amapá.

Key-words: Electronic books. Reading. Information. Journalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Formulário utilizado para o levantamento de dados	38
Figura 2. Idade dos participantes	42
Figura 3. Grau de formação dos participantes	42
Figura 4. Área de atuação dos participantes	43
Figura 5. Hábitos de leitura dos participantes	43
Figura 6. Percentual de participantes que leem em meios eletrônicos	44
Figura 7. Porque dos participantes lerem livros eletrônicos	44
Figura 8. Indicação de plataformas pelos professores durante a graduação	45
Figura 9. Dispositivos usados para leitura de livros eletrônicos	45
Figura 10. Temática mais lida em plataformas eletrônicas pelos participantes	46
Figura 11. Percentual de participantes que publicaram livros impressos	47
Figura 12. Percentual de participantes que publicaram livros eletrônicos	47
Figura 13. Meio de publicação habitual dos participantes	48
Figura 14. Motivos que levaram os participantes a publicarem em meio eletrônico	48
Quadro 1. Obras produzidas no Amapá e/ou por profissionais que atuam no Amapá	52
Quadro 2. Total, temáticas e editoriais das obras levantadas	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 A LEITURA DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS	9
2.1 BREVE HISTÓRIA DA ESCRITA E DA LEITURA	9
2.1.1 A prensa de Gutenberg	12
2.1.2 O livro impresso	14
2.1.3 O audiobook	16
2.1.4 O e-book	17
2.2 AS NOVAS FORMAS DE LEITURA: LINGUAGENS, PLATAFORMAS E TECNOLOGIAS	20
3 O LEITOR NAVEGADOR E A LEITURA EM TELAS	23
3.1 NOVAS FORMAS DE LEITURA E CONSUMOS JORNALÍSTICOS	27
3.1.1 Webjornalismo: A influência do jornalismo em telas na produção e consumo de e-books	30
a) Interatividade	32
b) Hipertextualidade	33
c) Multimídia/ convergência	33
d) Personalização	34
e) Memória	34
4 EBOOKS NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO PRODUZIDOS E CONSUMIDOS PELA CLASSE JORNALÍSTICA NO AMAPÁ	35
4.1 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA	35
4.2 QUESTIONÁRIO DE APURAÇÃO DE E-BOOKS NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO PRODUZIDOS E CONSUMIDOS PELA CLASSE JORNALÍSTICA NO AMAPÁ	37
4.2 RESULTADOS APURADOS: QUAL O PERFIL DOS AUTORES E DOS LEITORES	41
4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS	49
4.4 OS LIVROS DE COMUNICAÇÃO PRODUZIDOS NO AMAPÁ	51
4.5 PERFIL DO PRODUTOR DE LIVROS RESIDENTE NO AMAPÁ	70
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

Desde o início do século 21, grandes mudanças ocorreram na sociedade. A principal delas foi o surgimento de novas tecnologias e seu desenvolvimento brutal em um curto espaço de tempo. Este salto digital fez com que a forma de comunicar, trabalhar e viver mudasse, em muitas ocasiões para melhorar e facilitar a nossa vida, modificando os comportamentos e hábitos das pessoas. Ele também atingiu o ato de ler.

Graças a esses avanços tecnológicos, surgiu o livro eletrônico, uma nova forma de compreender e consumir informação, conhecimento e literatura. Tal invenção reformulou o conceito de livro tradicional, da mídia escrita (de papel a telas de computador ou outras mídias semelhantes) e de leitura, e até mesmo do tipo de leitor.

O fenômeno do livro eletrônico – por meio de novas plataformas de leituras – transformou o mercado da cultura. A rápida divulgação e expansão da informação, seja ela um conselho de moda ou um artigo em geral, revolucionou o setor editorial em todo o mundo. Nessas duas décadas, pôde-se constatar como a leitura em meio eletrônico é fragmentária e apresenta novas estruturas de organização da informação, o que pode levar a uma capacidade de leitura menos intensiva e reflexiva, mas mais associativa e multimídia.

Podemos exemplificar isto com falas de autores como Manuel Castells e Pierre Lévy que nos mostram novas justificativas para a informação onde surgem alternativas para compreensão do impacto tecnológico. De acordo com estes autores, podemos observar que uma distinção entre a sociedade e a tecnologia, com atores humanos e não humanos não é tão aparente assim, pois “a tecnologia é a sociedade e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas”. (CASTELLS, 1999, p.25).

Já na abordagem de Pierry Lévy em seu livro “Cibercultura”, ressalta que “não se trata de avaliar seus impactos, mas de situar as irreversibilidades às quais um de seus usos nos levaria, de formular os projetos que explorariam as virtualidades que ela transporta e de decidir o que fazer com ela” (LÉVY, 1999, p.26)

Por tudo o que foi exposto, justifica-se o aprofundamento deste tema a fim de contribuir para o entendimento das mudanças provocadas pela evolução tecnológica e para entender a importância desse avanço para o meio social. Em paralelo, este

estudo também se justifica pela escassez temática em nosso Estado, logo, buscamos compreender o cenário do consumo e da produção de leituras em meio eletrônico no Amapá.

Esse tema foi escolhido por conta do aumento do consumo de leituras em meios eletrônicos, sobretudo e-books e os mecanismos de buscas inerentes a ele, que trazem simplicidade as pesquisas, onde através de alguns cliques pode ser possível obter resultados sobre o assunto do qual se tenha interesse. Com isso, podemos observar que a facilidade em que encontramos e utilizamos e-books, provoca o aumento de consumo deste dispositivo que cada vez mais vem se popularizando com o público em geral. Os motivos pessoais que nos levaram a escolher este tema, foi o modo como os livros digitais estão inseridos em nossa realidade, utilizamos para obter conhecimento, informações e para o nosso lazer. Por ser um pouco mais barato e mais rápido de ser adquirido, em muitos casos optamos pelo livro digital ao invés do livro impresso.

No Brasil a venda de e-books aumentou muito nos últimos anos, os dados de 2020 nos mostram como é um mercado influente. Segundo a Câmara Brasileira de Livro (CDL)¹ houve um aumento de 81% na venda de e-books com comparação com o ano de 2019. Em 2020 foram vendidos aproximadamente 8,7 milhões de e-books, já em 2019 a venda desse segmento foi de 4,7 milhões.

Na mesma pesquisa, também foi divulgado entre outros dados, qual o gênero mais vendido. O gênero de ficção é o mais procurado pelos leitores, com cerca de 41% de todos os livros vendidos, seguido de não ficção com 39% e científico técnico e profissional com 20%.

No Amapá, o mercado de livros digitais vem crescendo com a produção de autores do próprio estado. Podemos observar no site da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, inúmeras obras produzidas e publicadas aqui no estado, mais precisamente pela editora da Universidade. Todos os e-books são disponibilizados no site da universidade de forma gratuita. Fora da UNIFAP, os livros digitais de autores amapaenses mais encontrados na web, são a respeito da literatura e cultura amapaense. Diante dos dados expostos acima e desta breve contextualização, nosso problema de pesquisa é: quais são e como se dão as novas formas de produção de e-books, leituras e consumos digitais no Amapá?

¹ https://www.cblservicos.org.br/paper_producao-e-vendas_anobase2020.pdf - Acesso em: 03/05/2022.

O objetivo deste estudo foi analisar os vários aspectos que têm transformado o livro eletrônico e a produção bibliográfica e demais meios eletrônicos no fenômeno literário e informativo do século XXI, e a realidade deste novo modelo de leitura no jornalismo amapaense. Como objetivos específicos, realizando um levantamento dos livros eletrônicos jornalísticos produzidos no Amapá, além do consumo dos e-books por profissionais e estudantes da área do jornalismo neste estado. Paralelamente, foi possível estabelecer quais são os aspectos positivos e negativos do uso e consumo do livro eletrônico pela sociedade amapaense e sintetizar as avaliações e opiniões dos leitores sobre o uso da leitura digital.

A hipótese proposta é de que os aspectos que têm transformado o livro eletrônico no fenômeno sobretudo informativo do século 21 são vários: socializam a leitura e permitem maior interação leitor-autor; são mais baratos e rápidos de se produzir; não se deterioram nem se perdem; não ocupam espaço físico; podem ser compartilhados e democratizam o acesso à informação.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos a leitura e as múltiplas linguagens, onde detalhamos os fatos desde a criação da prensa de tipos móveis de Gutemberg até aos e-books.

O segundo capítulo estuda a questão do leitor navegador e sobre as leituras em telas, as novas formas de leituras e consumos jornalísticos e também trouxemos a influência do *webjornalismo* na produção e consumo de meios eletrônicos.

O terceiro capítulo traz o detalhamento metodológico de nosso trabalho, bem como a descrição e análise de um questionário referente a apuração de leituras em livro digitais e da produção de e-books na área de comunicação produzidos e consumidos pela classe jornalística no Amapá.

Utilizamos de pesquisa bibliográfica para que pudéssemos entender melhor sobre o nosso tema. Com este tipo de pesquisa, nos aprofundamos ainda mais acerca do tema escolhido, além de conhecer melhor sobre diversos autores que tem como principal foco temas que foram de grande relevância para nossa pesquisa como é o caso do autor Roger Chartier, com todas as suas pesquisas sobre livros e escrita.

Nos utilizando das pesquisas qualitativa, quantitativa e descritiva, produzimos o questionário para que pudéssemos conhecer melhor o público que estamos pesquisando. E esse questionário foi pensado por nós e nossa orientadora Prof^a Dr^a Roberta Scheibe, a fim de que pudéssemos enriquecer nossa pesquisa. Com isto, nós conseguimos respostas do público que está inserido na comunicação no estado do

Amapá. Explicaremos melhor sobre a metodologia de nossa pesquisa no capítulo três, em Descrição metodológica.

Este trabalho foi realizado utilizando como base o arcabouço teórico e as observações críticas de alguns autores como Roger Chartier, Lucia Santaella, Pierre Lévy, Ezequiel Silva, Rubens Queiroz de Almeida, Manuel Castells, João Canavilhas, Marcos Palacios, entre outros.

2 A LEITURA DE MÚLTIPLAS LINGUAGENS

Neste capítulo, discute-se a evolução da leitura, bem como o surgimento das múltiplas linguagens e os seus suportes. Desde a criação da imprensa de Gutenberg, livro impresso, audiobook, e-book e a forma como a mídia eletrônica (internet) contribuiu para este avanço.

Utiliza-se como referencial teórico alguns autores como Pierre Lévy (1997), Roger Chartier (1999), Wilson Martins (1998), Lúcia Santaella (2007), Clemente Nóbrega (2018), Ednei Procópio (2010), entre outros.

2.1 BREVE HISTÓRIA DA ESCRITA E DA LEITURA

A história da leitura surgiu a partir da invenção da escrita e dos seus suportes. Na antiguidade podiam ser encontrados na natureza, com registros feitos por diferentes tipos de materiais, como argila, casca de árvores, pedras, materiais orgânicos e inorgânicos à base de tintas minerais ou vegetais e entre outros.

Além disso, foi um longo caminho percorrido e muitos registros de memórias religiosas, culturais, políticas e sociais sendo feitos desde a antiga Mesopotâmia, através da escrita cuneiforme, passando por rolos de papiros, códices, até finalmente chegar ao papel e à escrita virtual que temos atualmente.

Conforme afirma Walty (2000), a escrita surgiu da necessidade de registrar as experiências do homem.

Dessa necessidade, nasce o livro. Sua primeira forma é a manuscrita. Utilizando-se de tábuas de argila, papiros e pergaminhos, o homem traça sinais os mais variados: pictográficos, mnemônicos, ideográficos, cuneiformes, hieroglíficos e fonéticos (WALTY, 2000, p.16).

O surgimento desses suportes foi determinante para moldar a prática da leitura ao passar do tempo. No período em que a escrita era um privilégio de pessoas com funções hierárquicas nas sociedades antigas, a leitura era definida como uma prática oral e coletiva por serem feitas em voz alta para uma grande quantidade de pessoas.

Segundo Martins (1998, p.33), a escrita é uma das tantas formas de sistemas de linguagem visual, contudo, para o autor ela destaca-se como um sistema perfeito, porque ele a considera a menos obscura dentre as outras opções que pertencem a essa mesma categoria, como os códigos de sinais, os desenhos, e especialmente a linguagem por gestos-mudos.

E dessa maneira seguiu o aprendizado por muito tempo, até que a leitura silenciosa foi ganhando espaço e tornou-se comum após a criação da imprensa de Gutenberg no século XV, permitindo com que mais livros fossem impressos e levassem a leitura para mais pessoas.

Com a popularização e democratização dos livros, o mundo já não era o mesmo, e o livro transformou-se em um importante veículo de informação:

A impressão transformou profundamente o modo de transmissão dos textos. Dada a quantidade de livros em circulação, não seria mais possível que cada leitor fosse introduzido às suas interpretações por um mestre que tivesse, por sua vez, recebido um ensino oral. O destinatário do texto é agora um indivíduo isolado que lê em silêncio. Mais que nunca, a exposição escrita se apresenta como autossuficiente. A nova técnica, tal qual se desenvolveu na Europa a partir do meio do século XV, contribuiu para romper os elos da tradição (LÉVY, 1997, p.96).

Já a história da leitura no Brasil iniciou com um longo processo de discriminação, onde esse direito só era concedido aos senhores portugueses descobridores, devido ao termo chamado “superioridade da raça”. De acordo com a autora Bastos (1982), até a metade do século XIX, os livros praticamente não existiam, utilizavam-se como materiais de leitura cartas escritas manualmente, textos autobiografados, bíblias e o código criminal.

No período da colonização, quase não existiam escolas primárias também, então as práticas escolares que utilizavam esses materiais de leitura eram feitas nos núcleos das fazendas e os professores eram capelães contratados com a finalidade

de trabalhar com as regras gramaticais de Reis Lobato, imposta por Dom José I, rei de Portugal.

Este cenário só começou a ter modificações no século XX através das reformas do sistema educativo português, que apresentavam o objetivo de se adaptar as características da sociedade moderna, acompanhando a evolução do homem e o surgimento da era digital.

No livro *História da Leitura no Mundo Ocidental*, escrito pelos historiadores Chartier e Cavallo, nota-se a seriedade que é dada quando eles caracterizam a evolução da leitura desde a antiguidade. Chartier traz consigo pensamentos sobre a historicidade da leitura, que tem a ideia básica de que o ato de ler não é algo fixo no tempo e espaço.

A questão essencial que, na minha opinião, deve ser colocada por qualquer história do livro, da edição e da leitura, é a do processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e leem. Os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos. O “mesmo” texto, fixado em letras, não é o “mesmo” caso mudem os dispositivos de sua escrita e de sua comunicação. (CHARTIER, 2002, p. 61-62).”

Segundo as afirmações de Chartier, podemos entender que cada leitura tem um significado e uma interpretação diferente para os seus leitores, ainda que seja de um trecho do mesmo livro e de uma mesma edição, nunca será a mesma, pois para ele a leitura sempre se multiplicará em seus sentidos independentemente de seu suporte, por ser cheia de particularidade assim como outras ações humanas.

Os estudos sobre a historicidade da leitura sob a perspectiva cultural aplicada por Roger Chartier (2002) revelam as mudanças nos mecanismos e suas estruturas como elementos imanentes da cultura, pois a prática desta manifesta-se constantemente de forma instável e dentro de um processo de apropriação.

E quando ele aborda apropriação nesse contexto, refere-se à forma como cada indivíduo interpreta com base nas suas próprias vivências ou expectativas em cada leitura que faz, ou seja, existem variáveis e sendo assim, para o autor francês, a leitura é uma prática social instável em seus sentidos e suas formas.

Conclui-se assim, que com as evoluções do livro, desde o papiro até os e-books que temos atualmente, a leitura vem acompanhando as transformações e adaptações aos novos formatos que possibilitam a circulação e disseminação de informações culturais e intelectuais até os dias de hoje.

2.1.1 A prensa de Gutenberg

O alemão Johannes Gutenberg (1396-1468) foi o inventor da prensa de tipos móveis de metal. Em sua biografia feita pela biblioteconomista e professora Dilva Frazão (2019), há relatos que antes dessa criação revolucionária na técnica de impressão, Gutenberg a princípio se tornou conhecido por sua habilidade mecânica e em 1434 foi proprietário de uma oficina onde trabalhava como ourives, desenhando e fabricando joias.

Ainda na biografia há informações que após um longo período trabalhando com esses materiais o inventor foi aprimorando a ideia de criar uma ferramenta que conseguisse fazer impressões e com isso possibilitar cópias de livros em série. Dessa forma Gutenberg passou anos se dedicando, fazendo diversas pesquisas e trabalhando muito até que no ano de 1455 conseguiu realizar o sonho de criar uma técnica inédita com o uso de letras e símbolos em relevo esculpidos em metal: a prensa.

Vale ressaltar que antes do invento da prensa, já existia outra técnica de impressão com o uso de blocos, praticada por chineses e japoneses. Conforme os autores Briggs e Burk relataram no livro Uma história social da mídia, na técnica oriental “usava-se um bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de um texto específico” (BRIGGS & 43 BURKE, 2004, p.26).

Sobretudo, com a criação de Gutenberg, a técnica de impressão aplicada na Europa funcionava através de moldes feitos por um material mais resistente e que permitia fazer impressões em massa, de maneira muito mais eficiente.

A impressão transformou profundamente o modo de transmissão dos textos. Dada a quantidade de livros em circulação, não seria mais possível que cada leitor fosse introduzido às suas interpretações por um mestre que tivesse, por sua vez, recebido um ensino oral. O destinatário do texto é agora um indivíduo isolado que lê em silêncio. Mais que nunca, a exposição escrita se apresenta como autossuficiente. A nova técnica, tal qual se desenvolveu na Europa a parti do meio do século XV, contribuiu para romper os elos da tradição (LEVY, 1997, p.96).

Antes desse avanço, para fabricar cópias de livros era necessário que fossem escritos à mão página por página. Gutenberg com o seu invento permitiu com que houvesse um aumento do interesse por conhecimento pelos clássicos na época do Renascimento e desde então esse aprendizado passou a ser transmitido para várias culturas.

Para Chartier, no livro História da leitura no mundo ocidental (1999) este período da criação de Gutenberg se tornou uma revolução para a maneira como a técnica de reprodução e fabricação dos livros poderia ser feita:

Com os caracteres móveis e a imprensa, a cópia manuscrita não é o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação de textos. Daí a importância desse momento essencial na história ocidental, considerado como o delimitador da Apparition Du livre (...), ou caracterizado como uma Printing Revolution (CHARTIER, 1999, p.96).

Em um artigo do escritor e jornalista Fred Linardi para a revista Super Interessante (2011), existe a narrativa de que em 1500 as produções dos livros impressos através da técnica da prensa de Gutenberg já ultrapassaram 14 milhões de cópias em vários países, como França, Itália, Inglaterra, Espanha, Dinamarca e Holanda.

Conforme a publicação na revista Super interessante², por Fred Linard (2011) as principais características do funcionamento da prensa de Gutenberg eram:

- Prensa móvel: Nessa técnica inicialmente eram fabricadas placas de metal super-resistentes, as chamadas matrizes. Elas que serviam como os moldes para criar todos os caracteres necessários para compor o texto de cada página, através do relevo em caixas tipográficas.
- Tipo de tinta: Na técnica utilizada pelos chineses a tinta era a base de água e não apresentava uma aderência boa. Para a sua criação, Gutenberg buscou resultados mais satisfatórios e utilizou uma tinta composta por óleo de linhaça e negro-de-fumo (um produto petroquímico), que fazia a marcação do papel sem borrar.
- Impressão: Nessa etapa a prensa era movimentada através de uma barra, onde havia uma rosca e o prelo. O pergaminho ou o papel eram posicionados em cima dos caracteres e eram prensados por um prato de platina para transformá-los no formato de uma página.
- Produto final: Depois de uma cópia pronta, uma análise era feita e, com a aprovação, davam continuidade para fazer a impressão de outras cópias.

²LINARD, F. Como funcionava a prensa de Gutemberg. **Super Interessante**, 03 ago.2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funcionava-a-prensa-de-gutenberg/>. Acesso em 30 ago. 2021.

Depois disso, todos os caracteres eram retirados e reorganizados para as demais páginas da mesma obra, até sua impressão completa.

Segundo Belo (2008, p.23), a imprensa foi o instrumento que transformou a história da sociedade ocidental, dando origem a revolução dos meios de comunicação na Europa existentes nos séculos XV a XVII. Além disso, foi um importante agente para a difusão do escrito e da imagem tornando a circulação dos textos mais acessíveis para os leitores.

Na ACI Digital (2020), existem relatos que no ano de 1449, Gutenberg fez um teste com a prensa, fabricando o livro católico chamado “Missal de Constanza”, depois disso começou a impressão da primeira Bíblia em 1450. Bíblia de Gutenberg ou Bíblia das 42 linhas, como era conhecida, foi uma versão da Vulgata, uma tradução do latim utilizada pela igreja católica que teve cerca de 200 bíblias impressas por ele e até hoje é possível encontrar exemplares em museus de diferentes países.

2.1.2 O livro impresso

Ter acesso ao conhecimento de modo impresso foi um dos maiores marcos que a humanidade conquistou. Os livros possuem um papel social extremamente relevante, pois por meio dele se tornou possível o acesso a leitura de dados e informações que permitem gerar conhecimento em diversos aspectos, sendo eles coletivos ou individuais.

O livro impresso surgiu na metade do século XV, entretanto, inicialmente ele era chamado por incunábulo, expressão que vem do latim como *in cuna* (no berço), tendo esse termo até o início da imprensa de tipos móveis e acredita-se que começou a ficar mais conhecido em 1450, com a invenção de Gutenberg.

Vale destacar também que por muitos anos o livro teve sua definição apresentada através de dicionários como o Aurélio (1999), apenas como um conjunto de folhas impressas presas na lateral da página, com peso e volume determinados, isto é, uma definição de algo simplório e material.

Nos relatos de Aldemario Castro (2004 apud PAULINO, 2009, p.1), “definir o livro pelo seu formato, pelo padrão tecnológico de sua confecção é um equívoco

considerável”, pois para ele essa definição não dava o valor necessário à essência do que de fato é um livro e a sua importância como veículo de informações.

Atualmente vivemos em uma era de informação e informatização, em que quase todas as funções do dia a dia estão sendo incorporadas ao uso das tecnologias. Para o contexto atual do livro impresso, existem especulações que conforme surgem as novas tecnologias os livros tradicionais vão perdendo espaço no mercado.

Ao passar dos anos essas mudanças desencadearam o surgimento de novas formas de explorações e interações e tendo em vista esses argumentos, é necessária uma reflexão maior, pois não há uma resposta exata relacionada ao fim do livro impresso. Contudo, podemos perceber que existe público específico para cada formato de livro.

No livro de Roger Chartier, *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1999), o escritor discorreu sobre os rumores do fim do livro impresso com a chegada do livro eletrônico, dizendo para os historiadores não promoverem esse tipo de discurso ilusório, mas sim discursos científicos, considerando todos os processos que fazem com que os textos se tornem livros independentemente do seu formato.

(...) Esta encarnação do texto numa materialidade específica carrega as diferentes interpretações, compreensões e usos de seus diferentes públicos. Isto quer dizer que é preciso ligar, uns com os outros, as perspectivas ou processos tradicionalmente separados. De um lado, cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou texto que recebe.” (CHARTIER, 1999, p. 19).

Em virtude dos fatos mencionados, percebemos que essas mudanças que foram acontecendo ao passar dos anos vieram para agregar, mas as informações impressas sobreviveram. O livro tem um lugar primordial ao processo de desenvolvimento e descoberta da humanidade, logo, resistirá ao avanço das tecnologias.

É possível notar o quanto as informações trazidas em livros impressos ou digitais têm avançado e devem conviver simultaneamente como opções complementares, sem existir comparações do que é melhor ou pior como acesso. Para Burman “[...] documentos impressos existem lado a lado com artefatos digitais, apontando que o princípio orientador é usar a tecnologia apropriada para cada propósito particular” (1997, p. 184).

Sendo assim, a definição de livro deve ser estabelecida sem ter ligação ao seu formato, pois o livro continua sendo um conjunto de informações que veicula conhecimento.

A criação ou evolução de determinada mídia não implica em extermínio premente de outro. A televisão não extinguiu o rádio ou mesmo o teatro ou cinema. A fotografia não aniquilou a pintura. A internet não suprimiu a produção televisiva, nem aboliu os telespectadores. A convivência e convergência entre as mídias existem e possibilitam que meios diferentes coexistam, se complementem e ajudem no desenvolvimento do outro (LAIGNIER; MARTINS, 2011, p. 7)

Levando-se em consideração esses aspectos de que a tecnologia não causará o desaparecimento dos seus antecessores, como é o caso dos livros, não se implica o fim do suporte impresso, mas sim, abrange outras possibilidades, permitindo entendê-las diante de todo o seu potencial para se complementarem.

2.1.3 O audiobook

Devido às mudanças que ocorrem constantemente no mundo e na maneira como a inovação tecnológica alavanca seu espaço, no cenário da literatura, uma novidade que tem destaque nos últimos anos é a possibilidade de ouvir um livro, a criação é chamada de audiobook e/ou livro falado.

Segundo os estudos de Menezes (2008, s/p), a invenção do livro falado surgiu em meados de 1970, com o intuito de ter o conteúdo de um livro impresso sendo narrado e gravado para estar disponível em suportes diversificados, como fita cassete, CDs e atualmente por aplicativos gratuitos ou pagos.

Mas, além disso, esse modelo de conteúdo vem revolucionando o conceito de livro e complementando a educação inclusiva para portadores de deficiência visual que até então só tinham acesso aos recursos do Sistema de Braille.

A inclusão tem sido um fator de extrema importância para o desenvolvimento de métodos alternativos de acesso às pessoas portadoras de deficiência. Portanto, com o avanço das Tecnologias Assistivas, que se trata de:

Uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (Comitê de Ajudas Técnicas, Corde/SEDH/PR, 2007, s/p).

A comunicabilidade através da educação inclusiva se complementa com os textos didáticos em suas versões de áudio books, e este foi um grande passo para o público com deficiência visual, trazendo mais possibilidades de aprendizados e vivências para essas pessoas.

Dada a importância para esse público, o consumo de audiobook também cresce com o público em geral e de diferentes faixas etárias, pois existem pessoas que preferem ser leitores-ouvintes pela versatilidade que existe nesse método, como o uso de efeitos sonoros e variações de voz que criam uma ambientação para a história contada no livro.

Por isso esse mercado tem cada vez mais notoriedade no Brasil e no mundo, o que é extremamente importante para a expansão da cultura informativa, histórica e literária. Em uma pesquisa da *The Digital Consumer Book Barometer*³ em 2019, publicada pela *Publish News*, sobre a tendência de vendas de livros digitais em alguns países como Itália, Alemanha, Espanha e Holanda, que tiveram esse mercado chegando a representar 180 milhões de euros, que correspondiam em média 40% da receita digital das editoras desse segmento que participaram dessa pesquisa.

No Brasil, esse nicho inicialmente não tinha muita força se comparado a outros países, no entanto, esse cenário foi mudando com a chegada dos aplicativos e tecnologias móveis. O mercado se reinventou de acordo com a vida cotidiana das pessoas e suas necessidades.

Atualmente a popularização do audiobook permite que essa seja mais uma das alternativas para contribuir como forma de disseminação cultural que com as devidas adequações para as pessoas e suas particularidades, possam ser inseridas nos contextos educacionais.

2.1.4 O e-book

O termo e-book é de origem inglesa e vem da abreviação de electronic book ou livro eletrônico em português. Paiva (2010, p. 84) expressa que se trata de um livro

³PUBLISHNEWS, REDAÇÃO. **Novo relatório mostra os hábitos de consumo de livros digitais e de audiolivros**, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2019/06/11/novo-relatorio-mostra-os-habitos-de-consumo-de-livros-digitais-e-de-audiolivros>. Acesso em 01 set. 2021.

em formato digital, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs⁴ ou até mesmo em celulares que suportam esse recurso.

Já Pinheiro (2011, p. 14) infere que o termo e-book [...] nomina “uma publicação em formato digital que, para além de texto, pode incluir também imagens, vídeo e áudio. Outras designações são livro digital ou livro digitalizado”.

No entanto, não há uma definição clara do conceito desde sua origem. Os vários autores que estudaram este fenômeno em diferentes áreas não concordaram em dar uma referência clara ao termo. Portanto, existem várias abordagens que podem ajudar a ter uma ideia de seu significado.

Para Nóbrega (2018), livro eletrônico é qualquer forma de arquivo em formato digital que pode ser baixado em dispositivos eletrônicos para posterior visualização. É um arquivo digital que requer um elemento adicional de visualização, o dispositivo leitor, que deve conter um software adequado para a leitura do documento. Pode incluir elementos textuais, gráficos, sonoros e visuais integrados e visualizáveis dependendo do dispositivo de consulta: computador, kindle⁵, e-reader⁶, tablet⁷ ou outro.

Procópio (2013) comenta que muitos usam o termo livro eletrônico para se referir à codificação digital - geralmente em um arquivo de computador - da mensagem contida em um livro tradicional: um texto ou uma coleção de textos relacionados que são oferecidos juntos ao leitor. Nessa abordagem, duas tendências podem ser distinguidas: aquelas que equiparam o livro eletrônico à informação disponível na internet, que é efetivamente informação pública, semelhante neste aspecto ao livro

⁴Também chamados de handhelds ou palmtops, são computadores de dimensões reduzidas, dotados de grande capacidade computacional, cumprindo as funções de agenda e sistema informático de escritório elementar, com possibilidade de interconexão com um computador pessoal e uma rede informática sem fios — wi-fi — para acesso a e-mail e internet. Os PDAs foram em grande parte descontinuados durante a década de 2010, em função da popularização dos smartphones e tablets, que absorveram praticamente toda a sua funcionalidade. – Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Personal_digital_assistant - acesso em 15 de novembro de 2021.

⁵Kindle é um leitor de livros digitais desenvolvido pela subsidiária da Amazon, a LAB 126, que permite aos usuários comprar, baixar, pesquisar e, principalmente, ler livros digitais, jornais, revistas, e outras mídias digitais via rede sem fio. - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Amazon_Kindle - acesso em 15 de novembro de 2021.

⁶Leitor de livros digitais (*e-Reader*, em inglês) é um pequeno aparelho que tem como função principal mostrar em uma tela, para leitura, o conteúdo de livros digitais (e-books) e outros tipos de mídia digital. - Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Leitor_de_livros_digitais - acesso em 15 de novembro de 2021.

⁷Um tablet ou táblete é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à internet, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas, para entretenimento com jogos, entre outros. - Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tablet> - acesso em 15 de novembro de 2021.

publicado; e as que limitam o conceito de livro eletrônico a um formato especial de documento digital que cumpre as funcionalidades do livro tradicional em termos de aparência e uso.

Silva (2013) propõe que os e-books ainda não possuem uma identidade definitiva, por diversas vezes encontramos elementos na internet que são chamados de e-books, porém não possuem uma boa qualidade para serem intitulados assim. Por exemplo, são carentes de recursos para que seus conteúdos possam ser pesquisados de maneira detalhada.

E-book é uma abreviação de electronic book (livro eletrônico) que também é chamado de livro digital. O termo refere-se aos livros em formato digital que podem ser lidos em dispositivos eletrônicos. As definições de e-book podem ser sintetizadas da seguinte forma: é uma publicação em formato de livro, com exceção das publicações seriadas, composta por textos em forma digital e disponibilizada eletronicamente para leitura em tela de aparelhos como e-Readers, computadores, tablets e celulares (SILVA, 2013, p. 3.).

Procópio (2010) considera que os e-books são ferramentas importantes na disseminação do conhecimento por causa da diversidade de plataformas tecnológicas de leitura à disposição do leitor – computadores, tablets, e-readers, smartphones – e pela possibilidade de acesso rápido através da web ao seu conteúdo informacional, o que remove as barreiras geográficas que interferem no acesso à informação.

O livro eletrônico ainda tem a possibilidade de abrigar diversos recursos de exibição e leitura, e ainda facilitar o uso de diferentes mídias como textos, imagens, áudios, vídeos e animações, além de localização instantânea de páginas, tópicos, palavras, tabelas, realçar e sublinhar palavras ou trechos. Para Chartier (1998), é bastante difícil tratar o e-book como um simples objeto:

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antigüidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente, visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica (CHARTIER, 1998, p. 12-13).

Contudo, toda criação de um e-book acontece exatamente da mesma maneira que o livro impresso, segundo explica Ferreira (2010), a única diferença do desenvolvimento de criação de um e-book para um livro impresso comum é o meio de distribuição, já que o livro eletrônico no início de sua proliferação foi distribuído na

internet por meio de um CD-ROM⁸ (Compact Disk-Read Only Memory), no entanto, atualmente a distribuição ocorre através de um arquivo digital ou de aplicativos de celular e computador. Ainda de acordo com Ferreira (2010. p. 28), o livro eletrônico passa por um projeto editorial amplo, onde para chegar a fase de distribuição é preciso realizar uma análise muito bem detalhada, ou seja, “[...] é necessário escrever, formatar e revisar o texto, se necessário criar cabeçalho e rodapé, fazer o layout para as páginas, todas as partes pré e pós-textuais, enfim, um projeto editorial completo”.

É notório que o advento do livro eletrônico foi um marco na era digital. Podemos ler livros em qualquer equipamento eletrônico como por exemplo, na tela do celular ou em tablets. Quem não tem o hábito de ler livros impressos, muitas vezes acaba optando por livros eletrônicos, o que faz com que os e-books sejam amplamente consumidos em todo o mundo. Temos casos em que os e-books se transformam em livros impressos, caso façam muito sucesso na rede o inverso também acontece muito.

2.2 AS NOVAS FORMAS DE LEITURA: LINGUAGENS, PLATAFORMAS E TECNOLOGIAS

Desde o surgimento dos livros eletrônicos, por volta da década de 70, inúmeras plataformas foram criadas para abrigar o grande número de obras que surgem a cada dia no mundo todo. Além disso, diversos aparelhos eletrônicos são usados para que possamos consumir os *e-books* de maneira fácil e segura. Com isso, o leitor pode facilmente escolher onde e como vai utilizar esta ferramenta.

Com boa dose de senso crítico e com a ajuda de novos métodos de curadoria de conteúdo, no início da revolução dos *eBooks* já era possível ter um livro publicado simultaneamente para diversos hardwares (*desktops, ultrabooks, tablets, e-readers, smartphones*), sistemas operacionais (Windows Phone, iOS, Android, Mozilla OS, BlackBerry) e formatos (ePub, PDF, MOBI, HTML5, DAISY). As novas empresas editoriais que nasceram com o e-Book permitiram a publicação de obras baseadas em novos modelos, preocupados com a qualidade, o acabamento, o design e a divulgação para obter audiência, acesso e consumo de obras. (PROCÓPIO, 2013, p.24)

⁸ O CD-ROM (Compact Disc Read-Only Memory) teve a sua criação no ano de 1985, com a invenção do chamado Compact Disc, cujo nome já define a sua função, armazenar dados em um espaço compacto, com capacidade apenas para ler os dados. A nomenclatura ROM, é oriunda do termo Memória ROM, da família RW e memória flash. Esta tecnologia foi desenvolvida e patenteada pelas fabricantes de produtos eletrônicos Sony e Philips. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/CD-ROM> - Acesso em: 15 de novembro de 2021.

Diante disto, podemos exemplificar o uso do e-reader, o dispositivo portátil que foi especificamente criado para a leitura de livros no formato digital. A maioria destes dispositivos ficou apenas como projeto que não foi levado adiante, como existiram outros que não obtiveram muito sucesso em vendas. Logo, podemos observar que com o surgimento dos e-readers, encontramos circunstâncias de um desenvolvimento que culminou na criação de produtos como o Kindle, uma tecnologia lançada em 2007 pela empresa Amazon que é comercialmente significativa, comparada com outros e de certa forma um concorrente direto do e-reader.

Um dispositivo portátil eletrônico, com tela plana de cristal líquido colorido ou não [LCD ou E-Ink], sensível ao toque de uma caneta ou dedo, com controle de luminosidade ajustável para prevenir cansaço nos olhos e problemas de saúde dessa ordem. Com um “sistema operacional” interno que absorvesse e suportasse um browser – daí o aplicativo reader, “leitor” em inglês – que enxergasse, tal como os navegadores Internet Explorer, Chrome, FireFox, Opera, os textos inteligentes ou hipertextos. Igualzinho à Internet. (PROCÓPIO, 2010, p. 81).

Contudo, o e-reader sendo um dispositivo apenas para leitura de livros, fica atrás no quesito multimídia. Os tablets e smartphones tem vantagem neste sentido, porque são utilizados para a leitura de e-books e para outros tipos de atividades interativas. Por isso que o e-reader vai deixando de ser utilizado como dispositivo e se transformou num aplicativo de celular e tablete. Silva argumenta:

O grande desafio deste dispositivo, no entanto, não tem sido nem sequer o lançamento de outros dispositivos de leitura dedicado, como por exemplo, o Kobo, 50 da empresa japonesa Rakuten e o Nook, da americana Barnes & Noble. O leitor de livros digitais da Amazon e os demais e-readers encontram nos tablets, como o iPad, da Apple, os seus grandes concorrentes. Prova disto é que algumas destas empresas têm adotado a estratégia de também produzir tablets, como a Amazon e seu tabletKindleFire, ou mesmo descontinuar a produção de e-readers e direcionar a produção apenas para os tablets, como por exemplo, a Barnes & Noble e seu tabletNook HD. (SILVA. 2013 p. 50)

Os livros eletrônicos surgiram e os leitores, que antigamente se utilizavam do bom e velho livro impresso hoje também se utilizam dos e-books. Com isso, surgem algumas dúvidas: será que os livros impressos que conhecemos podem deixar de ser produzidos? Machado (1994, p. 201) argumenta: “A verdade é que o universo do texto impresso chegou ao seu limite de saturação e hoje degenera em entropia, em virtude da dificuldade cada vez maior de gerar significados consistentes”. O autor acredita ainda que esse fenômeno seja apenas estratégia de empresas do ramo eletrônico

para monopolizar todos os mercados, mas o que pode haver é uma baixa na procura por textos impressos

Lévy (1988) reflete sobre o que poderá ocorrer com o livro impresso, mas não é radical e não fala no fim do objeto como conhecemos. Para o autor, o que ocorre é uma evolução:

Reconhecer essas transformações nem por isso significa prever a substituição universal das antigas tecnologias pelas novas. O sintetizador não acabará como o violino. O editor gráfico e o monitor não substituirão por toda a parte e sempre a tela e o pincel. A não ser no imaginário social, os livros não serão suplantados pelos computadores e bancos de dados. No passado, o surgimento da escrita não dispensou os homens da fala. Mais perto de nós no tempo, os meios de gravação e difusão do som e da imagem que se têm multiplicado desde o século XIX não eliminaram nenhum dos antigos modos de expressão. Em contrapartida, consideradas numa nova configuração de mídias, implicadas num sistema de comunicação diferente, as antigas tecnologias intelectuais mudam de significado (LÉVY, 1988, p. 32).

Belo (2008) afirma que nossas dúvidas em relação ao futuro do livro não são um fenômeno de agora, eles vieram da segunda metade do século XIX, de quando a leitura do jornal impresso se popularizou em todo o mundo:

A afirmação, feita num contexto social, editorial e tecnológico bastante diferente do atual, mostra-nos que a “morte do livro” pode ser relativizada: se ela já foi anunciada noutras épocas sem ter acontecido, é possível duvidar também hoje que ela esteja para acontecer. (BELO, 2008, p. 20).

Com a internet e o desenvolvimento dos meios audiovisuais de comunicação a informação ficou muito mais fácil de chegar a qualquer indivíduo. A forma que podemos ler um livro, ficou mais acessível, pois na rede de internet possuem inúmeras plataformas gratuitas onde podemos encontrar diversos autores e obras. Além do mais, o fato de podermos armazená-lo dentro do celular, por exemplo, ou em um dispositivo físico leve de leitura, tem suas vantagens em muitos momentos, como na disseminação da informação e em deslocamentos físicos do usuário, como em viagens, por exemplo.

Para Santaella (2009 p. 182) a sociedade atual está presenciando diversas transformações culturais, econômicas e políticas. Com isso, surgem os questionamentos sobre o futuro de diversas áreas, entre eles o futuro do livro. Porém, Santaella profetiza que estamos evoluindo rápido nas transformações de nosso tempo, “o futuro pertencerá aos portáteis capazes de se comunicar sem fios. [...] as agendas inteligentes, os telefones celulares e os computadores portáteis virão completar, sem substituir os fixos inteiramente”.

No próximo capítulo iremos abordar e aprofundar sobre o leitor e a leitura em telas; bem como discutir a importância dos diversos tipos de leitores e como é o processo de cada um deles.

3 O LEITOR NAVEGADOR E A LEITURA EM TELAS

De acordo com Santaella (2007) podemos exemplificar que existem 3 tipos de leitores. O leitor meditativo ou contemplativo, o leitor movente ou fragmentado e o leitor imersivo ou virtual.

O **leitor meditativo ou contemplativo** é aquele da idade pré-industrial, do livro impresso e da imagem expositiva. É um leitor que ainda resiste aos dias de hoje que vai até bibliotecas de livros impressos. Na leitura contemplativa existe um aspecto histórico, já que desde sempre este é o tipo de leitura mais utilizado nas bibliotecas. Este leitor precisa de muita atenção e diversos outros requisitos indispensáveis para uma melhor compreensão do objeto de leitura (silêncio, meditação, reflexão) (SANTAELLA, 2007).

Como o próprio nome demonstra, a leitura meditativa é uma leitura onde a meditação, a particularidade e a concentração são condições necessárias para a compreensão. Entender esta característica significa entender os comportamentos de leitores mais tradicionais das bibliotecas.

Para Chartier (1999p. 24.) o leitor contemplativo ou meditativo realiza sua leitura de maneira isolada e não necessita do auxílio do outro. O autor explica, ainda, assim como Santaella que este tipo de leitor se utiliza da liberdade da escolha do local, de tempo para sua leitura e tem a possibilidade de ler textos muito complexos, devido sua concentração: “a leitura silenciosa criou possibilidade de ler textos mais complexos”.

O **leitor movente ou fragmentário**, para Santaella (2007), é aquele que interage com um mundo híbrido composto por misturas de signos como o jornal e a fotografia. O leitor movente conversa com a modernidade e tem muita facilidade para

cativar as imagens, os signos, as mensagens e os códigos que no decorrer de sua experiência exigem leitura e compreensão mais eficiente.

Ainda de acordo com Santaella (2007 p.29), o leitor movente ou fragmentário nasce junto com os centros urbanos e é aquele leitor que não se utiliza de tanta concentração e consegue ler tudo ao seu redor, “É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais”.

Já **o leitor imersivo** é aquele indivíduo que não necessita de papéis, livros impressos (SANTAELLA, 2007, p.33). O leitor imersivo está a todo momento pronto para receber novas informações. É aquele que pode consumir vários conteúdos, em uma rede de leitura que não tem fim. O leitor imersivo ou virtual pode muito bem cruzar dados de vários textos, pode comparar e ainda criar seu próprio texto.

[...] o leitor imersivo é obrigatoriamente mais livre na medida em que, sem a liberdade de escolha entre nexos, e sem a iniciativa de busca de direções e rotas, a leitura imersiva não se realiza. [...] um leitor que navega numa tela, programando leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles. [...] um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multisequencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir, ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc.

O leitor imersivo é extremamente ágil no mundo virtual, onde a atenção costuma ser difusa, ele consegue seguir conexões não lineares em conteúdos interligados, tem plena liberdade em guiar sua leitura em meio a diversas ofertas de conteúdos interativos. O autor García Canclini (2015) compreende esta interatividade e as telas de equipamentos eletrônicos como meios para o compartilhamento de textos. O autor afirma que não devemos pensar em uma hegemonia destes meios ou em uma vitória das imagens sobre textos de leitura, contudo, Canclini afirma que a maneira de ler mudou.

O leitor imersivo não se utiliza do livro físico, propriamente dito, que cede espaço a uma tela. Assim sendo, leitores e livros podem se distanciar um pouco, porém, mesmo assim, a atividade de leitura consegue fluir com os textos que são armazenados em memórias de celulares, computadores, tablets e aparelhos próprios para a leitura.

Chartier (2009, p.13) acredita que o fluxo sequencial do texto na tela recebe inúmeras possibilidades para o leitor. Além disso, os textos podem ser armazenados na nuvem que nada mais é do que uma tecnologia que permite aos usuários

armazenar dados na internet. “todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, e como não poderia deixar de ser, é também uma revolução nas maneiras de ler”.

Diante disso, os e-books convidam o leitor a interagir com seu exemplar em suas telas. Podemos navegar ou compartilhar em nossas redes sociais as novas relações que são criadas entre o leitor e sua ferramenta de leitura.

Lê-se de outras maneiras, por exemplo escrevendo e modificando. Antes, com o livro impresso, era possível anotar nas margens ou nos vazios da página, “uma escrita que se insinuava, mas que não podia modificar o enunciado do texto nem apagá-lo”; agora, o leitor pode intervir no texto eletrônico, “cortar, deslocar, mudar a ordem, introduzir sua própria escrita”. (CHARTIER, 2003, p. 205 apud GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 59).

Para Almeida (2003), o leitor de textos digitais ou leitor navegador, que se utilize ainda de hipertextos⁹, tende a obter diversas informações em um único lugar, ele não se resume a materialidade do livro. Com apenas um clique, em um link disponibilizado, o leitor navegador poderá visualizar imagens, notícias, ler outros textos sobre o mesmo assunto. O chamado leitor-navegador tem o mundo ao alcance do clique do mouse. “Basta o texto tornar-se monótono para que o leitor se dirija a outras paragens, provavelmente para nunca mais voltar” (ALMEIDA, 2003, p. 34). Essa transformação no modo como o leitor consegue obter informações, é muito importante, mas todos nós temos que tomar cuidado para que não haja interpretações de formas equivocadas.

Almeida descreve ainda que não existe uma forma que valide uma informação, as experiências e vivências do leitor navegador contam muito para que a informação colhida seja validada. Porém, devemos nos atentar no modo como as pessoas leem na internet. Ainda de acordo este autor podemos afirmar que o leitor navegador não lê realmente. O desconforto da tela faz com que essa leitura seja pouco produtiva, fazendo com que este leitor prefira textos que possuam o mais simples entendimento: “A preferência é por parágrafos curtos e objetivos, com os pontos principais apresentados em itens” (ALMEIDA, 2003, p.34).

⁹ Segundo Pierre Lévy (1993), tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Do ponto de vista funcional, Lévy (1993) afirma que um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação. Disponível em: <https://educacao-e-tics.webnode.com/files/200000029-9ea10a094a/hipertexto%20e%20as%20pr%C3%A1ticas%20de%20leitura%20-%20Eliana%20Arbusti%20Fachinetto.pdf> – Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

Estas circunstâncias apresentam nitidamente os principais problemas que o leitor navegador enfrenta em suas leituras na web. Neste contexto, devemos ficar atentos a algumas questões deste tipo de leitura, principalmente no Brasil, onde existem diversos abismos na educação e forma como o indivíduo recebe e entende informações advindas da internet.

O fator básico deste pensamento é de que, o que é muito bom, em âmbito de quantidade de informação disponível na rede também pode ser prejudicial. Pessoas podem ler notícias de fontes não confiáveis e/ou informações falsas, pois é muito fácil encontrar textos na internet das mais variadas fontes. Outro fato é que o acesso à internet ainda é escasso para alguns brasileiros com poucos recursos, ou de regiões mais distantes do centro das cidades que não utilizam a internet. Silva esclarece que vivemos em um país desigual, onde os indivíduos não são preparados para compreender as mais diversas linguagens a informação pode chegar de maneira restrita:

Daí a necessidade de que as discussões sobre as leituras das informações disponibilizadas pela internet voltem-se também, para uma dimensão fundamental do projeto de cidadania, que é a formação - e não o simples "adestramento" - de sujeitos sociais com condições objetivas para satisfazer as suas necessidades informacionais e participar dignamente dos destinos da sociedade. (Silva, 2002, p. 14)

Neste sentido, sobre cidadania e formação de sujeitos sociais, Silva (2002) exemplifica que as pessoas estavam habituadas com imagens de televisão, e agora se utilizam muito de textos na internet, o que é um avanço significativo no processo de leiturização, já que hoje são utilizados textos onde o leitor poderá voltar aos hábitos de maior leitura, ou seja, pessoas que antes não gostavam ou não tinham o hábito de ler e procuravam entretenimento ou informações na tela de uma televisão, hoje já procuram por textos na internet para informações e entretenimento.

Porém, para o autor, este novo hábito pode se tornar um problema para estes leitores, visto que "caso o leitor da linguagem virtual não seja seletivo frente ao imenso leque de ofertas da internet, é provável que ele se perca nos labirintos da informação" (SILVA, 2002, p.14). O leitor para que faça uma pesquisa concreta, deverá ter a capacidade de realizar algum tipo de estratégia para que se descubra se aquela informação é verdadeira.

Assim sendo, Lévy (2001) propõe que com o advento de novas tecnologias, o texto digital começa a ocupar lugares de muito destaque em nossa sociedade, isto

mudou a maneira de ler e de escrever. Os leitores passam a se relacionar diretamente com o texto, seja montando um texto ou pela maneira que ele é compreendido. Além disso, os textos digitais nos permitem ferramentas de correção, isso faz com que leitores usem ainda mais a sua criatividade.

[...] o suporte digital permite novos tipos de leitores (e de escritas) coletivas. Um *continuum* variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anota, aumenta, conecta textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais. (LÉVY, 2001, p. 43).

Com a alta no desenvolvimento tecnológico, diversas transformações vêm se apresentando em nossa sociedade. Para Braga (2005), a forma como o indivíduo adquire informação para a construção de seu conhecimento se transformou com o avanço tecnológico, podemos pesquisar em sites na internet e alguns não pesquisam trabalhos em livros impressos como antigamente. A nossa linguagem vem sofrendo mudanças, pois é o principal elemento entre o objeto de estudo e o ser humano. As mediações das novas tecnologias nos processos comunicativos desencadeiam um conjunto de mudanças: a linguagem tende a se ajustar aos limites e às possibilidades de expressão do novo meio” (BRAGA, 2005a:01) e, desta forma, estes elementos vão se acomodando às especificações de cada modalidade.

3.1 NOVAS FORMAS DE LEITURA E CONSUMOS JORNALÍSTICOS

Atualmente, a internet tem um papel extremamente importante para toda uma sociedade. Uma ferramenta que cada vez mais tem auxiliado na forma como um indivíduo busca conhecimento, sendo mais rápida e extremamente eficaz, o que possibilita aos usuários diversas opções que nenhum outro meio de comunicação é capaz de gerar. Para Shuning et al. (1999, p. 18):

Os novos sistemas de comunicação e informação, situados na intercessão da informática, das telecomunicações e dos meios audiovisuais, são sistemas complexos e interconectados. (...) A convergência de numerosas redes por onde circulam os fluxos de informação até um ponto único, a tela do terminal de computador – que bem pode ser a do televisor domiciliar – indica a impossibilidade de isolar, em nossos dias, os campos até pouco tempo dissociados da informação – notícia, da informação – entretenimento e da informação – controle social.

No artigo intitulado Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas, Maria José Baldessar desenvolveu uma análise sobre este tema,

identificando as transformações, porém, minimizando os impactos dessa tecnologia dentro da profissão com a chegada deste novo instrumento.

A adoção de novos instrumentos de trabalho e as formas de utilizá-los metamorfoseando o cotidiano dos jornalistas sem, no entanto, mudá-lo radicalmente. Recebido primeiro com medo, depois cede lugar ao encantamento. O computador facilita a execução das tarefas e inegavelmente, melhora o ambiente de trabalho. (BALDESSAR, 2008, p. 1).

Após a chegada dos computadores e os avanços dessa tecnologia, a certeza de que não se tratava somente de um instrumento que substituiria as máquinas de escrever, mas sim de um grande avanço que passou a ser caracterizado por alguns autores como a maior mudança inserida no jornalismo de todos os tempos.

De acordo com Castells (2005), os avanços destas novas tecnologias da informação e comunicação, indicam a emergência de novas possibilidades na produção de conhecimento que reflete aos cenários contemporâneos de diversas áreas. A capacidade de criação e divulgação de vários tipos de conteúdo foi bastante crescente, o que atraiu a estruturação das redes em que o espaço para a expressão se tornou muito mais igualitário.

Diante dessas mudanças, principalmente nas divulgações dos conteúdos, todas as áreas precisam se reinventar constantemente para acompanhar esse ritmo, e retratando o fazer jornalístico neste meio, percebe-se ainda mais o quanto a sociedade está contribuindo na concepção das notícias. Por isso o autor afirma: "Como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados, (embora, com certeza não determinados) pelo novo meio tecnológico" (CASTELLS, 2005, p. 108).

Estas tecnologias de informação e comunicação proporcionam uma igualdade em escala muito maior do que quando apenas as tecnologias tradicionais eram utilizadas. Os meios de comunicação nas novas plataformas digitais são responsáveis por facilitar a experiência de conhecimento do grande público, pois, possuem em sua grande maioria mais interatividade e são utilizadas por meio de celulares, tablets, computadores e aplicativos.

Toda essa facilidade interfere de modo direto na maneira como o jornalismo vem sendo aplicado, pois temos uma infinidade de portais de notícias, jornais online, tudo a um simples clique e a notícia é reproduzida com rapidez, através de fotos ou

vídeos em alta resolução, reformando aquele processo de aguardar até o dia seguinte para que a notícia seja divulgada em jornais impressos ou revistas.

Segundo Resende (2009, p.33) a tecnologia também facilitou o modo com o jornalista apura suas pautas. Agora tendo o acesso na palma da mão para comunicar-se com as fontes para a produção das matérias jornalísticas. Conseqüentemente, os textos podem ser redigidos também pelo celular e em qualquer lugar, “repórteres utilizam os computadores conectados à rede para fazer entrevistas, pesquisar informações e analisar dados”.

Deste modo, atualizações podem ser feitas constantemente, sem precisar esperar finalizar a reportagem sobre alguns acontecimentos. Essa instantaneidade de editar, redigir e divulgar as matérias, ainda de acordo com Resende, tende a fazer todo o processo, que antes era feito por uma equipe jornalística, agora com o auxílio da tecnologia através de um celular, faz com que esse trabalho siga com muito mais praticidade.

Embora seja importante frisar que no meio online todas as pessoas podem se expressar de diferentes formas, esta proliferação de expressões facilita em muitas das vezes a distorção e disseminação de notícias falsas. Portanto, a atuação dos jornalistas é de extrema importância na internet. O profissional dessa área tem o dever de fazer a apuração dos fatos minuciosamente antes de informar os seus leitores.

Nesse contexto atual onde as redes sociais possuem tanta força, há responsabilidades e desafios ainda maiores no dia a dia da classe jornalística. Pois, a sociedade constantemente sofre alterações e as versões que cada indivíduo pode ter em suas interpretações individuais, faz com que o trabalho desses profissionais necessite cada vez mais ser veloz e ainda assim manter a credibilidade para manter uma relação positiva com todo o meio.

Sobre esse imediatismo, Bastos (2013, p.3) relata que informar primeiro e confirmar o fato depois tornou-se, nos piores casos, uma atitude danosa, visto que, a divulgação dessas informações são provenientes de agências noticiosas que geralmente buscam o “furo de notícia”, que se trata do termo utilizado para quem tem a notícia primeiro que os demais e isso gera uma cobrança ainda maior sobre os jornalistas.

São essas alterações na rotina de trabalho devido ao grau de proximidade e exposição com o público, que faz com que os profissionais estejam ainda mais sujeitos a questionamentos e debates sobre possíveis falhas nos seus trabalhos. Nesta

perspectiva, Mateus (2015, p. 25), acrescenta que “cada utilizador redistribui a informação, mas é também um crítico do produto que consome”.

Com isso, a credibilidade jornalística vem a ser a característica que mais define o jornalismo, mas para que ela aconteça é necessário que haja uma relação de confiança entre sociedade e os veículos jornalísticos. Porém, devido o acesso aos dispositivos de comunicação estar mais facilitado, o indivíduo não fica mais restrito ao papel de “espectador”, mas também circula as informações na sociedade – mesmo que muitas vezes através de informações falsas, produz conteúdo e questiona o papel da imprensa.

Por nem sempre depender das mediações feitas através do jornalismo, informações podem ser alvos de ruídos, inverdades e boatos que ao serem repercutidos acabam contaminando o ambiente e sobrecarregando os jornalistas que cada vez mais atravessam desafios para manter a sua credibilidade e precisam ressignificar rotinas produtivas e o próprio modo de produção da informação, para que sejam compreendidos como um processo e não somente como operadores que transmitem os fatos.

Na atualidade as funções usadas na prática, como apuração, redação e edição não são os únicos fatores necessários nesse trabalho, na verdade há um processo que se amplia gradativamente, onde tudo precisa ser pensado e reavaliado antes de ter a sua divulgação. Apesar de que, em muitos dos casos, os conteúdos já publicados podem ter atualizações contínuas e até serem acompanhados em tempo real.

Com isso independentemente de qual seja o campo de transmissão de informações, a busca e as adaptações para acompanhar todos esses avanços acontece constantemente. E mais do que nunca o jornalismo precisa manter a sua influência e credibilidade inerentes a todos os meios que o jornalismo é difundido diante ao advento das novas tecnologias.

3.1.1 Webjornalismo: A influência do jornalismo em telas na produção e consumo de e-books

O webjornalismo ou jornalismo digital é o jornalismo que encontramos na internet. O que antes era apenas um complemento de outros meios, hoje em dia se tornou o foco principal dos veículos de imprensa. Como já vimos anteriormente, com a utilização de aparelhos eletrônicos como o computador, smartphones, etc., muitas

práticas do produtor de informações e também do leitor alteraram a forma como este leitor interage com o seu objeto de leitura. Antes o ato era o de folhear papéis, hoje o clicar em telas, este cenário mudou por meio da revolução da comunicação instantânea e atemporal que amplia o acesso constante com outras pessoas e outras realidades de diferentes locais do mundo. Para Martín-Barbero (2004 p. 299) “a tecnologia remete hoje não a novidade de alguns aparelhos, mas a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas”.

Neste contexto, o webjornalismo chegou propondo uma nova configuração nos papéis dos receptores e emissores de informações. Com o acesso a múltiplas fontes e com a crescente interação, esta área jornalística permitiu unir todas as faces da comunicação em um só lugar, o que tem atraído cada vez mais adeptos.

E se tratando de internet enquanto meio de comunicação, abre uma gama de possibilidades para a disseminação da notícia, pois o leitor tem a possibilidade de interagir por meio das redes sociais ou até mesmo na própria página do jornal. "As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela" (CASTELLS, 2011, p. 22).

Castells (2011) afirma que essa nova forma de comunicação se origina através da transição que os novos suportes permitem, estabelecendo uma comunicação com alcance potencialmente infinito. Isso acaba rompendo a linearidade dos textos tradicionais, como em revistas, jornais impressos e outros, pois nas páginas dos webjornais geralmente apresentam-se links de assuntos que se complementam, o que leva ao leitor adquirir informações mais diversificadas.

Em função disso, o webjornalismo alterou a rotina de trabalho de muitos jornalistas que anteriormente trabalhavam indo às ruas para fazerem suas reportagens, posteriormente passando horas em uma redação para fazer a análise e conclusão do iria ser publicado¹⁰. Coisas que nos dias de hoje podem ocorrer sem necessariamente precisar sair de um lugar para o outro, pois os jornalistas conseguem trabalhar trocando informações pela internet.

¹⁰ Além disso, em 2020 iniciou uma pandemia do novo coronavírus COVID-19, levando a população mundial ao isolamento social como forma de conter a contaminação em massa. Devido esse isolamento, vários setores foram afetados, inclusive o jornalismo. E com o intuito de manter as atividades jornalísticas durante esse período de isolamento, os profissionais da área passaram adotar ainda mais os seus trabalhos para o formato online.

(...) o computador quando foi implementado nas redações não alterou os fundamentos do jornalismo e tampouco mudou o conteúdo da informação. Estes permanecem os mesmos, independentemente se o veículo fosse o rádio, a TV, a Internet ou a máquina impressa. A informatização das redações serviu de base, contudo, para que fosse possível a implantação de outra tecnologia: a Internet, que é a rede mundial de computadores (PEREIRA; RODRIGUEZ; MARANGONI, 2002, p 55).

Esse recurso veio complementar, abrangendo os repertórios culturais, fontes e pesquisas. O webjornalismo não surgiu para substituir o conteúdo de outras vertentes do jornalismo e nem suas formas de atividade, ele veio para acrescentar uma nova forma de comunicação, pois não se trata de uma réplica de conteúdos e sim da interação com um alcance maior e mais ágil.

No princípio, os jornais não tinham sua versão integral transposta; veiculavam pela internet apenas o que consideravam as principais matérias, e ainda não atualizavam informações ao longo do dia, que é a definição maior do webjornalismo, ou seja, aquele que publica notícias em tempo real. E acrescento na definição as categorias apontadas por Marcos Palacios (2004): hipertextualidade, multimídia, interatividade, personalização, atualização contínua e memória. Incluo também a hiper mobilidade e a transmídia, mais algumas propriedades do jornalismo on-line (PRADO, 2010, p 31).

Isso fez o webjornalista perceber a importância da instantaneidade na atualização dos seus conteúdos, afinal, a maneira mais dinâmica de atrair mais acessos dos usuários do universo online é possibilitando que eles acompanhem continuamente os assuntos de seus interesses do momento na sociedade e no mundo. Assim, atendendo a diferentes padrões de preferências.

Sabendo disso, a seguir iremos discorrer sobre as características do webjornalismo, para que possamos entender melhor deste cenário em que nosso objeto de pesquisa está inserido.

De acordo com Palacios (1999) são cinco as características do webjornalismo: interatividade, hipertextualidade, multimídia/convergência, personalização e memória. Iremos demonstrar em nosso trabalho a principal característica de cada uma delas.

a) Interatividade

Mais do que nunca a interatividade está presente em nossas vidas com bastante frequência. Este termo remete a algo que podemos interagir e isto é possível devido o enorme crescimento de novas tecnologias de comunicação que existem no

dia a dia das pessoas. A notícia online tem a capacidade de fazer com que o leitor se sinta fazendo parte do processo de construção da notícia através da interação entre leitor e jornalistas. Lévy (1999) acrescenta que a interatividade é a possibilidade de transformar quem estiver envolvido na comunicação em emissores e receptores da mensagem.

A interatividade é possibilitada por meio da hipertextualidade que é a próxima característica que iremos demonstrar.

b) Hipertextualidade

A hipertextualidade é específica do jornalismo online. Ela é a mais importante característica do webjornalismo, já que traz a opção do leitor se conectar através de links. A partir de um texto ele poderá linkar vários outros textos condizentes com a notícia que ele está lendo.

Texto, sons e imagens (estáticas e em movimento) coexistem em uma única tela. São “partes” da informação que tanto podem estar limitadas em si mesmas como podem remeter, de forma associativa, através de links, para outras informações ou mesmo outros hipertextos (NELSON apud MIELNICZUK, 2000).

Canavilhas (2014) descreve que o conceito da hipertextualidade foi criado na década de 60 pelo filósofo e sociólogo Theodor Holm Nelson com o intuito de determinar o novo tipo de leitura não-linear e interativa que surgiu com a criação da internet.

O hipertexto abrange as transformações que ocorreram nos últimos tempos na sociedade moderna. A partir do advento da internet, da proliferação de computadores e com a rapidez das informações que recebemos diariamente, textos simples ganham uma nova ferramenta interativa que permitem ao leitor realizar determinadas escolhas.

c) Multimídia/ convergência

Segundo Palacios (2003, p.3), no webjornalismo a multimídia se trata da convergência dos formatos de mídias tradicionais – imagem, texto, som – na explicação do fato jornalístico em uma mesma estrutura. Podemos exemplificar esta

característica com a utilização de fotos, infografias, vídeos que estão atreladas a uma notícia em determinado site.

d) Personalização

Segundo Mielniczuk (2001, p. 4) esta característica, que também pode ser chamada de customização do conteúdo, “consiste na existência de produtos jornalísticos configurados de acordo com os interesses individuais do usuário” e libera a seleção de assuntos do interesse do leitor assim que o site é acessado.

e) Memória

A memória no meio virtual é uma característica bastante importante no webjornalismo e uma vantagem imensa que a internet pode nos proporcionar. Não precisamos usar o espaço físico de nossos aparelhos eletrônicos, já que podemos pesquisar diretamente do computador, tablet, celulares, etc. esta característica que igualmente a hipertextualidade, multimídia e interatividade é um recurso da mídia tradicional, mas que inseridos no webjornalismo ganha novas especificidades. Palacios (2002 p. 7) exemplifica que “o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa”.

Estas características citadas por Palacios, estão atreladas às características encontradas em e-books. Diante do que foi exposto, podemos observar que o jornalismo online exerce influência na produção e no consumo dos e-books, pois ambos podem ser encontrados na internet, ambos possuem memória, já que podemos encontrar e-books de forma online e não necessariamente baixá-los.

Além disso, a hipertextualidade e também a interatividade são características marcantes em um livro eletrônico e são utilizadas principalmente na forma em que o leitor poderá construir seu trajeto de leitura, da premissa de que suas decisões serão tomadas no decorrer da narrativa, para que seja uma experiência única, ou seja, o leitor poderá se utilizar da obra do jeito que ele mais se sentir agradável.

A multimídia e convergência também podem ser utilizados na elaboração de e-books, visto que podemos encontrar obras que contêm imagens, áudios e vídeos.

4 EBOOKS NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO PRODUZIDOS E CONSUMIDOS PELA CLASSE JORNALÍSTICA NO AMAPÁ

Neste capítulo abordamos a produção de e-books elaborados por jornalistas no Estado do Amapá, bem como sobre as características destas produções. Em paralelo, queremos conhecer quem são os leitores destas obras e entender seus mecanismos de leitura e leitura. Utilizamos principalmente de autores que abordam sobre a metodologia da pesquisa como Carlos Gil, e descreveremos quais métodos e técnicas nos utilizamos para esta investigação. Posteriormente fizemos a descrição e análise da pesquisa realizada com alunos, professores e jornalistas sobre o consumo e produção de e-books sobre jornalismo no Estado do Amapá.

4.1 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

De acordo com Antônio Carlos Gil (2008, p. 26), podemos definir uma pesquisa “como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico”. Com isso, podemos dizer que o trabalho apresentado foi ganhando forma, conforme fomos organizando pensamentos nossos, com os de autores que já conhecíamos e outros que começamos a conhecer com a realização desta monografia.

Os métodos e técnicas utilizados no presente trabalho de conclusão de curso foram: pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa e quantitativa e pesquisa descritiva. Cada uma destas pesquisas foi realizada com o intuito de adquirir conhecimento, dados e esclarecimentos acerca do assunto escolhido.

Na pesquisa bibliográfica, realizamos a leitura de autores que estão amplamente relacionados com o tema. Chartier, Santaella, Lévy, Castells, Canavillas e Palácios foram os principais autores estudados para esta pesquisa, amparados por outros também de grande importância. Para Gil, (2008) este tipo de pesquisa permite ao pesquisador, uma infinidade de fenômenos bastante amplos, visto que podemos pesquisar em livros, artigos científicos inúmeros entendimentos teóricos para o assunto eleito.

Na pesquisa qualitativa, nós procuramos o aprofundamento da compreensão do nosso tema, dos assuntos trazidos como destaque, e procuramos explicar o porquê de os livros eletrônicos serem amplamente utilizados atualmente. Diante disto, podemos citar Minayo (2001) que conclui que a pesquisa qualitativa se utiliza do universo de significados, motivos aspirações, crenças, valores e atitudes.

Outro método utilizado foi a pesquisa descritiva, para descrever as características do fenômeno que o livro eletrônico é na atualidade. Para Gil (2008, p.28) este tipo de pesquisa tem o objetivo de “estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc.”. Executamos um questionário online com a utilização da ferramenta Google Forms e com as respostas obtidas nós conseguimos traçar um perfil do leitor/escritor de livros eletrônicos. O questionário foi pensado para que pudéssemos obter respostas mais abrangentes com um número maior de pessoas consultadas.

Fonseca (2002, p. 20) demonstra que diferente da pesquisa qualitativa, a quantitativa pode quantificar os resultados:

Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros.

Neste trabalho, nos utilizamos da pesquisa quantitativa para reunir o maior número de respostas para nosso questionário semiestruturado aplicado, com o intuito de conhecer melhor o público de jornalistas, professores e estudantes de jornalismo do estado do Amapá e com que frequência utilizam o livro eletrônico seja para realizar pesquisas, leituras diversas e até mesmo se já publicaram algum e-book.

Através dessa análise feita por meio dos dados quantitativos coletados no questionário foi possível obter informações estatísticas e objetivas da pesquisa em questão. Para Mattar (2001), a pesquisa quantitativa permite validar as hipóteses das demais abordagens de outros métodos, utilizando dados estruturados e acrescentando os números representativos que contribuem para o final da ação.

Após esse levantamento, segundo Gil (2019), os dados quantitativos de uma pesquisa precisam necessariamente de um estudo mais apurado para que sejam

estabelecidos, categorizados e interpretados acerca das múltiplas opiniões coletadas nesse tipo de análise, para que haja uma adequada apresentação dos resultados.

Portanto, dentro dessa preparação dos dados coletados, o autor também cita a importância de um questionário bem elaborado, para que as respostas fornecidas nele sejam coerentes e completas. “Trata-se de uma tarefa complexa, que exige do pesquisador a avaliação da magnitude do problema. Pois qualquer exclusão de respondentes pode comprometer o tamanho da amostra” (2019, p. 189).

Em seguida, traremos os dados coletados em nosso questionário, tratando-se de uma das partes mais importantes do nosso trabalho de pesquisa, pois essa técnica de investigação nos permitiu obter informações das principais características do público pesquisado, possibilitando entendermos mais como as pessoas estão lidando com o surgimento de novas tecnologias, como o livro eletrônico.

4.2 QUESTIONÁRIO DE APURAÇÃO DE E-BOOKS NA ÁREA DE COMUNICAÇÃO PRODUZIDOS E CONSUMIDOS PELA CLASSE JORNALÍSTICA NO AMAPÁ

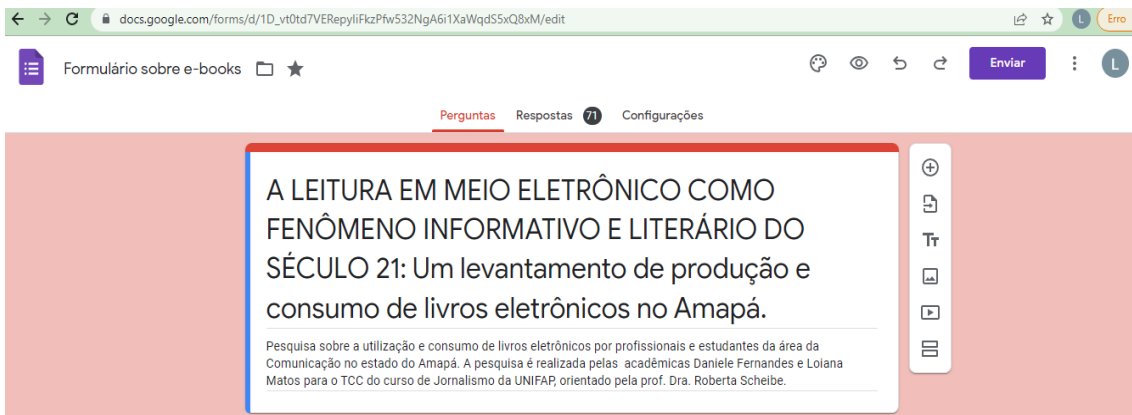
No presente trabalho, nos empregamos de um questionário produzido no *Google Forms* (Link: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepyliFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit), onde realizamos 18 perguntas objetivas e subjetivas, para que conseguíssemos respostas amplas sobre o consumo de e-books por pessoas da área da comunicação que atuam no estado do Amapá. Neste formulário, utilizamos questões que precisariam ser obrigatórias e também não obrigatórias, além de perguntas específicas para quem já tivesse algum e-book publicado. Abaixo listamos as perguntas que foram incluídas no questionário:

1. Qual seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Qual o seu e-mail?
4. Qual sua formação?
5. Qual é a sua atuação no mercado da comunicação?
6. Você costuma ler livros eletrônicos? Livros, artigos, materiais de estudo...
7. Você gosta de ler em meios eletrônicos?
8. Por que você lê livros eletrônicos?

9. Na graduação, seus professores lhe indicavam (indicam) mais leituras em plataformas físicas ou virtuais?
10. Qual dispositivo você mais usa para ler livros eletrônicos?
11. Para você, qual a maior vantagem da leitura realizada em livros eletrônicos?
12. Na sua opinião, qual a maior desvantagem da leitura realizada em livros eletrônicos?
13. Qual a temática das obras que você mais lê em plataformas eletrônicas?
14. Você já publicou algum livro impresso?
15. Você já escreveu um e-book (livro eletrônico) ou já participou da escrita de um com artigos de sua autoria?
16. Caso você tenha publicado alguma obra: Hoje em dia você publica mais livros impressos ou e-books?
17. Por que você optou pela publicação de um livro eletrônico ao invés de um livro físico?
18. Se você já escreveu/publicou e-books (livros eletrônicos) ou artigos em livros eletrônicos, descreva abaixo as áreas temáticas das obras de modo geral e quais as editoras de suas publicações (para que tenhamos acesso a suas obras).

A tela do formulário ficou diagramada seguindo o padrão do próprio *Google Forms*. Abaixo colocaremos os *prints* do formulário:

Figura 1. Formulário utilizado para o levantamento de dados.



The image shows a screenshot of a Google Form titled "Formulário sobre e-books". The form is displayed in a browser window with the URL docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylfKzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xm/edit. The form content is as follows:

A LEITURA EM MEIO ELETRÔNICO COMO FENÔMENO INFORMATIVO E LITERÁRIO DO SÉCULO 21: Um levantamento de produção e consumo de livros eletrônicos no Amapá.

Pesquisa sobre a utilização e consumo de livros eletrônicos por profissionais e estudantes da área da Comunicação no estado do Amapá. A pesquisa é realizada pelas acadêmicas Daniele Fernandes e Loiana Matos para o TCC do curso de Jornalismo da UNIFAP, orientado pela prof. Dra. Roberta Scheibe.

The form interface includes a navigation bar with "Perguntas", "Respostas" (71), and "Configurações". On the right side, there are icons for adding, deleting, and duplicating questions, as well as a "Enviar" button.

docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqd55xQ8xM/edit

Formulário sobre e-books

Perguntas Respostas 71 Configurações

Qual seu nome? *

Texto de resposta curta

Qual sua idade? *

Entre 10 e 20 anos

Entre 20 e 30 anos

Entre 30 e 40 anos

Entre 40 e 50 anos

Mais de 50 anos

Qual seu e-mail? *

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqd55xQ8xM/edit

Formulário sobre e-books

Perguntas Respostas 71 Configurações

Qual é a sua atuação no mercado da comunicação? *

Jornalista formado

Professor de Comunicação (Jornalismo, Publicidade e Propaganda)

Publicitário e área de marketing

Estudante de comunicação (Jornalismo, Publicidade e Propaganda)

Você costuma ler livros eletrônicos? Livros, artigos, materiais de estudo... *

Sim

Não

Ativar o Windows

docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqd55xQ8xM/edit

Formulário sobre e-books

Perguntas Respostas 71 Configurações

Você gosta de ler em meios eletrônicos? *

Sim

Não

Por que você lê livros eletrônicos? *

Praticidade e ocupa menos espaço

São mais baratos

São fáceis de encontrar

Todas as opções

Na graduação, seus professores lhe indicavam (indicam) mais leituras em plataformas físicas ou virtuais? *

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylfKzPfw532NgA6i1XaWqd55xQ8xM/edit

Formulário sobre e-books

Perguntas Respostas 71 Configurações

Para você, qual a maior vantagem da leitura realizada em livros eletrônicos? *

Texto de resposta longa

Na sua opinião, qual a maior desvantagem da leitura realizada em livros eletrônicos? *

Texto de resposta longa

docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylfKzPfw532NgA6i1XaWqd55xQ8xM/edit

Formulário sobre e-books

Perguntas Respostas 71 Configurações

Gêneros

Literatura nacional (Romance, ficção, suspense, HQs, poesia, contos e crônicas)

Outros

Você já publicou algum livro impresso? *

Sim

Não

Você já escreveu um e-book (livro eletrônico) ou já participou da escrita de um com artigos de sua autoria? *

Sim

Não

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylfKzPfw532NgA6i1XaWqd55xQ8xM/edit

Formulário sobre e-books

Perguntas Respostas 71 Configurações

Caso você tenha publicado alguma obra: Hoje em dia você publica mais livros impressos ou e-books?

Livros impressos

E-books

Por que você optou pela publicação de um livro eletrônico ao invés de um livro físico?

Menor custo

Mais fácil para divulgar a obra

outro

Se você já escreveu/publicou e-books (livros eletrônicos) ou artigos em livros eletrônicos, descreva abaixo as áreas temáticas das obras de modo geral e quais as editoras de suas publicações (para que tenhamos acesso a suas obras).

Ativar o Windows
Acesse Configurações para ativar o Windows.

docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Formulário sobre e-books

Perguntas Respostas 71 Configurações

Menor custo
 Mais fácil para divulgar a obra
 outro

Se você já escreveu/publicou e-books (livros eletrônicos) ou artigos em livros eletrônicos, descreva abaixo as áreas temáticas das obras de modo geral e quais as editoras de suas publicações (para que tenhamos acesso a suas obras).

Texto de resposta longa

Muito obrigada pela sua contribuição em nossa pesquisa!!!

Descrição (opcional)

Fonte: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

4.2 RESULTADOS APURADOS: QUAL O PERFIL DOS AUTORES E DOS LEITORES

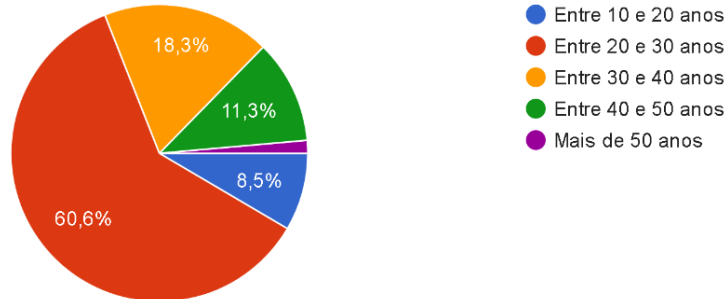
Obtivemos 71 respostas utilizando a ferramenta do *Google Forms*. Destes, trata-se de profissionais e estudantes da comunicação. Durante 60 dias este formulário ficou disponível na internet. Fizemos a divulgação por meio de mensagens privadas e em grupos de jornalistas no *Facebook* e *Whatsapp*. Também enviamos mensagens diretas no *Instagram* e nos utilizamos de nossas redes sociais para obter o máximo de respostas. Além disso, nossa orientadora Roberta Scheibe nos deu total apoio e fez divulgações com professores e profissionais da comunicação. Contudo, tivemos bastante dificuldades em obter respostas, muitas pessoas contatadas deixaram de preencher. Apesar das dificuldades de respostas, conseguimos obter os seguintes resultados:

Abaixo colocaremos cada gráfico das respostas objetivas. Nos gráficos colocamos as legendas e as porcentagens. E na descrição de cada imagem inserimos os números exatos dos resultados apurados.

Iniciando as questões gerais, ou seja, que não são de cunho pessoal como nome e e-mail, procuramos identificar a idade de cada pessoa que respondeu o questionário. Chegamos à conclusão de que a maioria é um público jovem que possui entre 20 e 30 anos.

Figura 2. Idade dos participantes.

Qual sua idade?
71 respostas

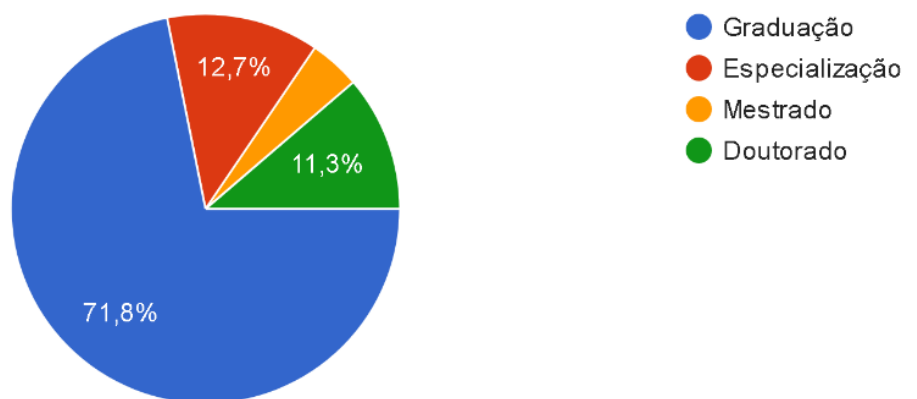


Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylifkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Das 71 pessoas que preencheram o questionário, 43 pessoas têm de 20 a 30 anos, 13 pessoas têm de 30 a 40 anos, 8 pessoas têm de 40 a 50 anos e 6 pessoas têm de 10 a 20 anos.

Figura 3. Grau de formação dos participantes.

Qual sua formação?
71 respostas



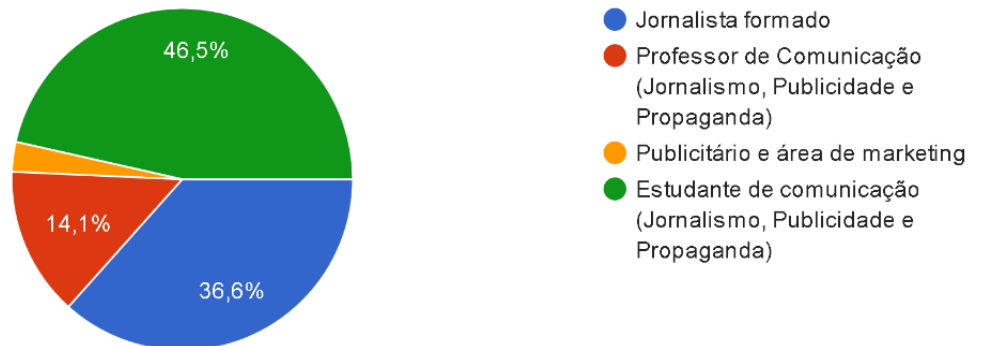
Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylifkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Perguntamos sobre a formação acadêmica e 51 pessoas que responderam são graduados ou estão concluindo o ensino superior, 9 pessoas estão cursando algum tipo de especialização, 8 são doutores e 3 pessoas possuem mestrado.

Figura 4. Área de atuação dos participantes.

Qual é a sua atuação no mercado da comunicação?

71 respostas



Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso:

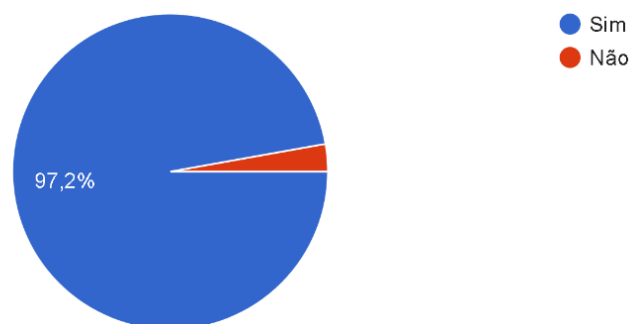
https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Sobre a área em que estão atuando na comunicação, concluímos que 33 são estudantes dos cursos de Jornalismo e Publicidade e propaganda, 26 são jornalistas formados, 10 são professores dos cursos de comunicação e 2 são publicitários na área do marketing.

Figura 5. Hábitos de leitura dos participantes.

Você costuma ler livros eletrônicos? Livros, artigos, materiais de estudo...

71 respostas



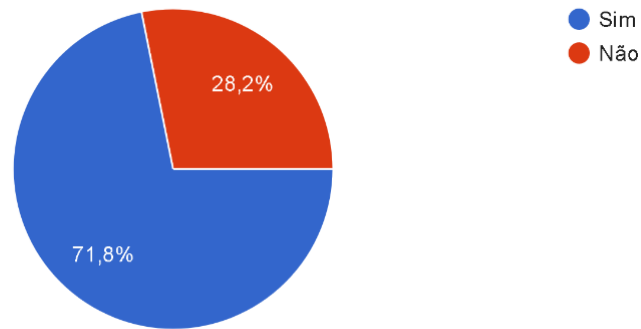
Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso:

https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Quando perguntamos se essas pessoas tinham o hábito de ler livros eletrônicos, 69 pessoas são adeptas desse método de leitura e apenas 2 pessoas não tem o costume de ler esse tipo de conteúdo.

Figura 6. Percentual de participantes que leem em meios eletrônicos.

Você gosta de ler em meios eletrônicos?
71 respostas

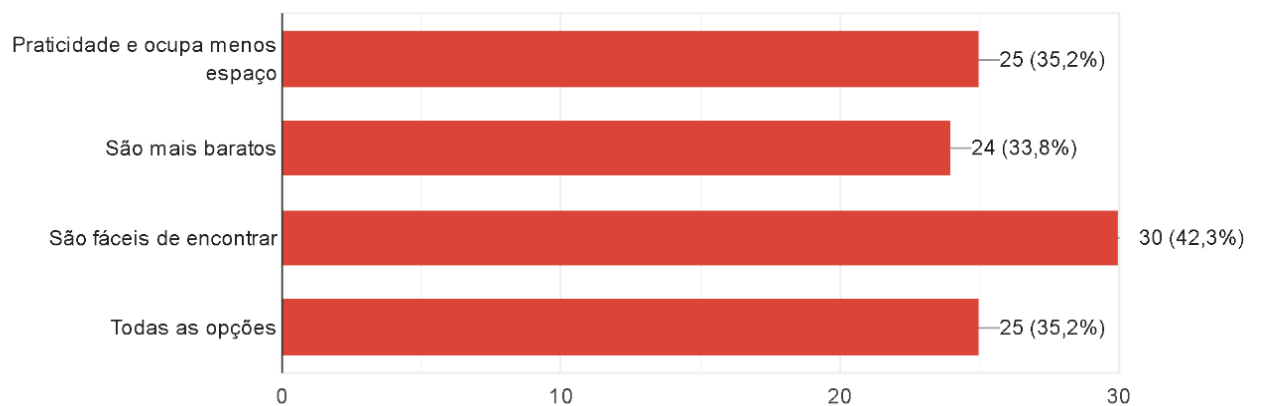


Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Embora quase 100% tenham respondido que são leitores de livros eletrônicos na pergunta anterior, nesta 51 leitores disseram que gostam de utilizar livros eletrônicos, as outras 20 disseram não gostar.

Figura 7. Porque dos participantes lerem livros eletrônicos.

Por que você lê livros eletrônicos?
71 respostas



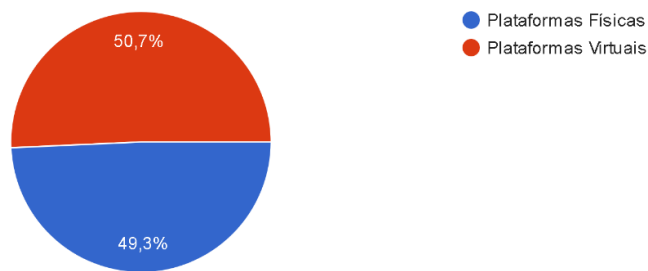
Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Questionamos qual o motivo de ler livros eletrônicos, aqui a pergunta poderia ter mais que 1 resposta. 30 pessoas preferem pela facilidade em encontrá-los, 25 pessoas pela praticidade e por ocupar menos espaço, 24 pessoas preferem por serem mais baratos e 24 pessoas escolheram todas as opções.

Figura 8. Indicação de plataformas pelos professores durante a graduação.

Na graduação, seus professores lhe indicavam (indicam) mais leituras em plataformas físicas ou virtuais?

71 respostas



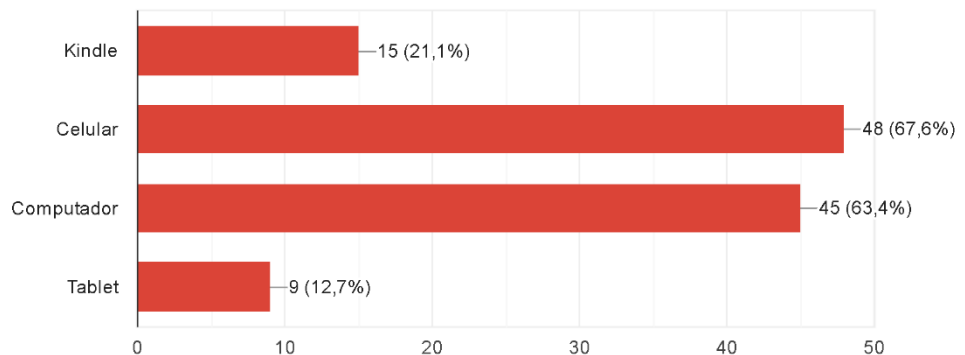
Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepyliFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Verificamos que durante as suas graduações 36 pessoas utilizam plataformas digitais como método de leitura e os outros 35 fazem uso de livros impressos.

Figura 9. Dispositivos usados para leitura de livros eletrônicos.

Qual dispositivo você mais usa para ler livros eletrônicos?

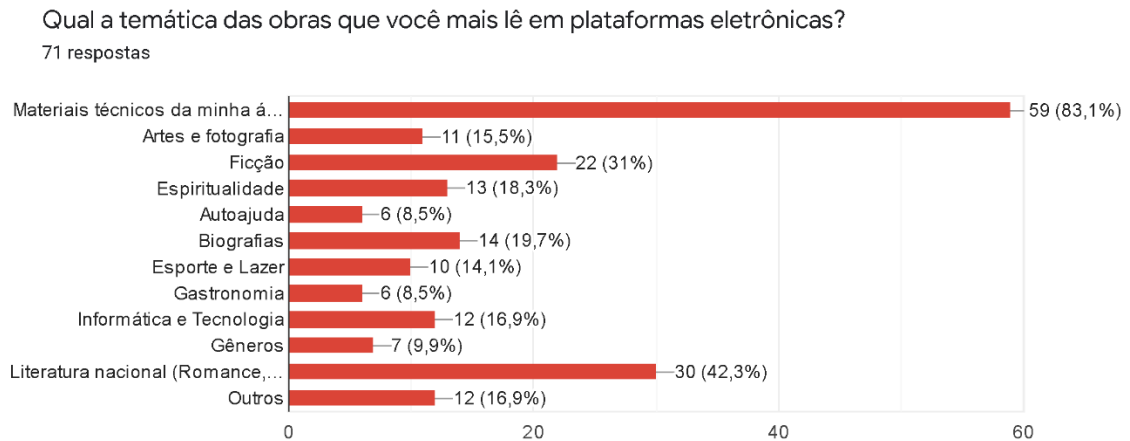
71 respostas



Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepyliFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Esta também foi uma pergunta onde o entrevistado poderia responder mais de uma questão. Dos usuários de livros eletrônicos podemos observar que as suas preferências de dispositivos são: 48 pessoas utilizam celulares, 45 utilizam computadores. Depois respectivamente vem o Kindle com 15 respostas e os tablets com 9 pessoas.

Figura 10. Temática mais lida em plataformas eletrônicas pelos participantes.



Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Quanto a temática mais lida em plataformas eletrônicas, 59 pessoas responderam que se utilizam de matérias técnicas da sua área de conhecimento, 11 respostas foram para artes e fotografia, 22 respostas foram para ficção, 13 respostas para espiritualidade, 6 respostas foram para autoajuda, 14 respostas foram para biografias, 10 respostas foram para esporte e lazer, 6 respostas para gastronomia, 12 respostas para informática e tecnologia, 7 respostas para gêneros, 30 respostas para literatura nacional, 12 respostas em outros.

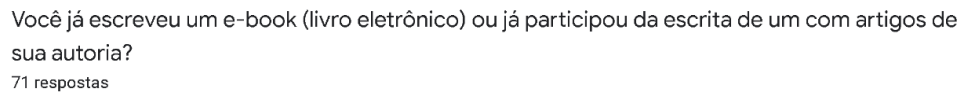
Figura 11. Percentual de participantes que publicaram livros impressos.



Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepyliFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Dos participantes do formulário, 12 já publicaram livros impressos durante as suas atuações na área da comunicação e 59 ainda não.

Figura 12. Percentual de participantes que publicaram livros eletrônicos.

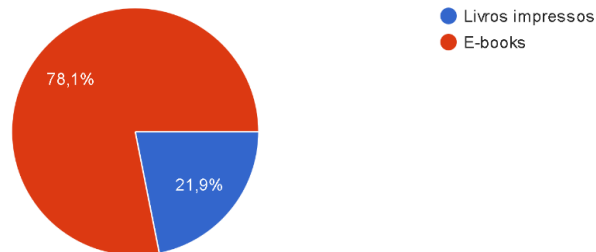


Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepyliFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Tratando-se de publicações de livros eletrônicos, descobrimos que 31 pessoas já escreveram ou participaram da escrita de uma obra eletrônica e 40 ainda não.

Figura 13. Meio de publicação habitual dos participantes.

Caso você tenha publicado alguma obra: Hoje em dia você publica mais livros impressos ou e-books?
32 respostas

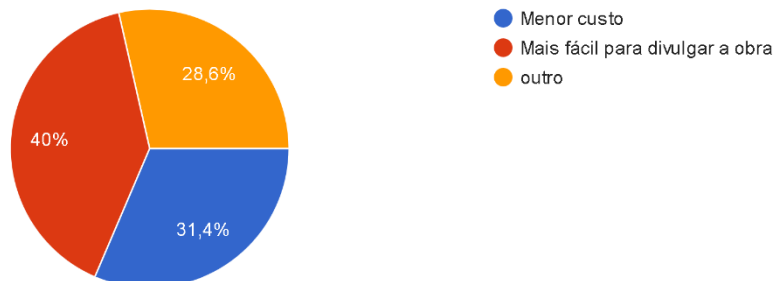


Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Atualmente 25 autores de obras optam por fazerem publicações por meios eletrônicos e 7 deles preferem o método de livros impressos.

Figura 14. Motivos que levaram os participantes a publicarem em meio eletrônico.

Por que você optou pela publicação de um livro eletrônico ao invés de um livro físico?
35 respostas



Fonte: Gráfico do *Google Forms* disponível para os criadores do formulário. Acesso: https://docs.google.com/forms/d/1D_vt0td7VERepylIFkzPfw532NgA6i1XaWqdS5xQ8xM/edit

Quando levantamos o questionamento do motivo para a preferência na publicação em livros eletrônicos, verificamos que 14 responderam que se torna mais fácil fazer a divulgação dessa maneira, 31 por ter um custo menor e 10 não exemplificaram.

No próximo tópico, iremos fazer uma análise aprofundada de cada um destes gráficos e resultados.

4.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para uma análise de dados mais completa existem alguns métodos de pesquisa que são indispensáveis. Neste trabalho utilizou-se a aplicação de um questionário, abordagem de uma pesquisa descritiva, que possui um caráter mais exploratório e agrega valor aos outros métodos existentes na pesquisa. Segundo Gil, “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (2019, p. 28). Além disso, para ele este método não se limita a uma identificação de variáveis, mas sim de um tipo de análise que pode proporcionar uma nova visão do problema, afinal, a pesquisa descritiva consiste em coletar, analisar, registrar e por fim interpretar.

Durante o processo de análise, dependendo do tipo de estudo que está sendo feito, é necessário organizar os dados coletados e também estabelecer categorias analíticas como uma forma de facilitar e objetivar as informações. Esse método caracteriza a pesquisa quantitativa, nela após este primeiro momento de coleta se procede à interpretação e conclusão por meio dos resultados numéricos sobre o grupo-alvo pesquisado. Ainda no livro de Antônio Carlos Gil (2019), ele pontua a importância de utilizar medidas estatísticas acerca de uma análise automatizada através de ferramentas como o *Google Forms*, para melhor mensuração dos resultados obtidos.

Após a etapa de seleção das perguntas e a classificação do público-alvo, os resultados apresentados através de um questionário com 18 perguntas objetivas e subjetivas trouxeram percentuais correspondentes aos hábitos de leitura e o que desperta interesse para esses leitores. A partir desses dados coletados nos gráficos, apresenta-se qual a formação na área da comunicação deste público, quais são as suas preferências em um formato de livro (tradicional ou digital), qual o meio que os estudos eram feitos em suas graduações (impresso ou digital), se os seus formatos eram favoráveis ou não, e por último, se além de leitores também já foram autores de obras impressas ou eletrônicas atuando nessa área.

Analisando as respostas dessa pesquisa, existem perspectivas mais favoráveis para os livros eletrônicos como principal meio de leitura, a grande maioria prefere a facilidade de poder encontrá-los, o custo-benefício desse tipo de livro quando comparado aos livros impressos e também por eles ocuparem menos espaço do que

um livro físico. Ainda assim, existem algumas exceções, os leitores amantes dos livros impressos defendem o fato de se sentirem mais confortáveis e menos distraídos durante este tipo de leitura.

Com a internet e o desenvolvimento dos meios de comunicação, as informações passaram a chegar com mais facilidade, assim como a forma que os livros também ficaram mais acessíveis. Durante a nossa pesquisa, percebemos como os leitores levam em consideração a praticidade de poder armazenar as obras em seus aparelhos móveis e ter a opção de acessá-las a todo o momento. Sobre isso, Chartier (2009, p.13) discorre que o fluxo sequencial de um texto através da tela recebe inúmeras possibilidades para o leitor, podendo ser armazenados na nuvem, a tecnologia que permite aos usuários terem acesso aos seus dados com a internet. “Todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito, e como não poderia deixar de ser, é também uma revolução nas maneiras de ler”.

Como consequência das mudanças em todo o cenário mundial, advindo da pandemia do novo coronavírus, que iniciou em 2019, passou a existir a necessidade urgente de isolamento social em vários contextos, assim como na educação e nos seus métodos de leitura, o que impactou diretamente no dia a dia das pessoas que ainda não eram adeptas das leituras em telas ou estudos de maneira remota. Apesar de já existir muitas pesquisas que falavam sobre a transformação no estudo para a forma remota, ainda não era considerado um fato tão imediato e generalizado como aconteceu repentinamente. Ainda que os livros digitais já fizessem parte do dia a dia de muitas pessoas por pelo menos uma década, hoje, a leitura em tela ganhou espaço como uma necessidade que vem sendo cada vez mais utilizada.

Com isso, o formato da biblioteca digital se destaca em meio ao público e possibilita cada vez mais que seus usuários acompanhem e se reinventem assim como tudo no meio social. "Como a informação é uma parte integral de toda atividade humana, todos os processos de nossa existência individual e coletiva são diretamente moldados, (embora, com certeza não determinados) pelo novo meio tecnológico" (CASTELLS, 2005, p. 108). Estas tecnologias podem sim proporcionar uma experiência de conhecimento e interatividade muito mais ampla para os leitores.

4.4 OS LIVROS DE COMUNICAÇÃO PRODUZIDOS NO AMAPÁ

Por meio do questionário no *Google Forms*, na última pergunta mais precisamente, identificamos que existem inúmeras publicações de livros lançados pela editora da UNIFAP, porém, autores que residem aqui no estado também fazem publicações de seus livros em editoras de fora do Amapá. Algumas editoras que foram citadas por professores foram: Emeritus, Athena Editora, Insular, Edufma, Ria e Inovar. Além disso, investigamos também por meio do Curriculum Lattes dos professores que preencheram o formulário sobre as suas publicações nessas editoras e eventualmente em outras.

A principal motivação que faz com que estes autores prefiram publicar livros eletrônicos ao invés de livros físicos é a questão da praticidade e custo, alguns relataram que a facilidade em divulgar as obras contam muito na hora de escolher publicar um livro eletrônico. Pudemos constatar também que acadêmicos buscam publicar suas obras e trabalhos de conclusão de curso (TCC) em e-books, como exemplificou a jornalista Andréa Maciel que foi acadêmica da turma 2013 de jornalismo da UNIFAP, e teve sua obra publicada pela editora da universidade: “Meu TCC foi um livro-reportagem sobre o jornalismo na década de 70”.

Nos relatos dos autores que participaram da nossa pesquisa, percebemos que existem os que gostam de publicar as suas obras e também fazer leitura em livros eletrônicos, como externou o professor Jacks Andrade: “Portabilidade (acesso minha biblioteca on-line em qualquer lugar), controle de tamanho da fonte e brilho da tela, facilidade de anotações e de fazer pesquisas adicionais, preço mais baixo, facilidade de compartilhamento... Atualmente eu quase não leio impresso, somente digital.”, finalizou ele.

Para outros, como o exemplo dado pela professora Luciana Macedo, autora de livros de fotografia publicados pela editora UNIFAP, percebemos ainda que existe a praticidade para publicar suas obras em livros eletrônicos. Ela pontuou que em seu dia a dia lê mais pelo seu aparelho celular pelo motivo de: “Alguns deles [livros] nunca foram lançados em forma física. Especialmente dissertações de mestrados e testes de doutorado.” Ainda que esse seja o método mais recorrente como leitura e

divulgações das obras, ela destacou que os livros físicos possuem mais magia com as suas texturas particulares e até mesmo o cheiro.

Dentre estas respostas adquiridas pela ferramenta Google e nossas pesquisas conseguimos realizar um levantamento dos livros destes autores que residem no Amapá:

Quadro 1. Obras produzidas no Amapá e/ou por profissionais que atuam no Amapá.

Nome da obra	Autor	Editora	Ano	Temática	Plataforma física ou digital
Mulheres no rádio amapaense	Paulo Giraldi	UNIFAP	2021	Radiojornalismo	Digital
Geração Streamig: Novas formas de comunicação	Jacks Andrade Karollinny Levy Patrícia Teixeira Paulo Giraldi Roberta Scheibe	Emeritus	2021	Tecnologia e Comunicação	Digital
Experiências Acadêmicas no Campo da Comunicação	Jacks Andrade Claudia Assis Paulo Giraldi	UNIFAP	2018	Comunicação, Educação	Digital
Perspectivas Midiáticas e de Educação na Contemporaneidade	Claudia Assis Jacks Andrade	Emeritus	2021	Educação	Digital

	Cláudia Assis Roberta Scheibe				
Aspectos comunicacionais e mercadológicos na era dos negócios digitais	Jacks Andrade Jefferson Saar	UNIFAP	2018	Comunicação, Tecnologia	Digital
Metodologias Ativas: práticas pedagógicas na contemporaneidade	Jacks Andrade	Inovar	2019	Educação Sociedade	Digital
Temas Transversais, Educação e Sociedade: um Debate Necessário	Jacks Andrade	Inovar	2020	Educação Saúde Sociedade	Digital
Sustentabilidade, Globalização e Inovação	Jacks Andrade	Inovar	2019	Sustentabilidade de Educação	Digital
Nativos digitais: Como a Geração Z Reflete a Comunicação Contemporânea	Elizangela Andrade Jacks Andrade Roberta Scheibe	UNIFAP	2019	Comunicação/ Tecnologia	Digital
O Jornalismo Setentinha: A História da Imprensa Amapaense na Década de 1970	EloisyKaro liny Santos Andréa Maciel	UNIFAP	2018	Jornalismo amapaense	Digital
Parir com amor: relatos de mães e profissionais que	Beatriz Soutelo,	UNIFAP	2018	Saúde da mulher	Digital

lutam por partos humanizados no Amapá.	Clícia Carmo				
Matemática dos palmos injustos: crônicas sobre o cotidiano do transporte público amapaense	Criles Monteiro Ramos	UNIFAP	2018	Cotidiano/ Regional	Digital
No coração do meio do mundo: múltiplas redes periféricas em identidades, paisagens, migração e comunicação.	Isabel Augusto, Roberta Scheibe	UNIFAP	2018	Comunicação/ Migração	Digital
Comunicação, Mercado e tecnologia	Claudia Assis Jefferson Saar	UNIFAP	2015	Tecnologia/ Comunicação	Digital E Físico
Comunicação, Tecnologias e Trabalho: Indicativos para o Desenvolvimento Regional no Amapá.	Anézia Lima	UNIFAP	2021	Comunicação/ Tecnologia	Digital
Convergência Midiática e comunicação: cenários, atores e práticas	Antonio Sardinha, Cláudia Saar, Elaide Martins	UNIFAP	2014	Comunicação digital/ Cultura	Digital
Colômbia	Luciana Macêdo	UNIFAP	2021	Fotojornalismo	Digital

Paisagens e Urbanidades Patagônicas	Luciana Macêdo	UNIFAP	2021	Fotojornalismo	Digital
Tiradentes	Luciana Macêdo	UNIFAP	2021	Fotojornalismo	Digital
Paraty	Luciana Macêdo	UNIFAP	2021	Fotojornalismo	Digital
Nordeste Mineiro	Luciana Macêdo	UNIFAP	2021	Fotojornalismo	Digital
Itália	Luciana Macêdo	UNIFAP	2021	Fotojornalismo	Digital
Carnaval Amapaense 2009	Luciana Macêdo	UNIFAP	2020	Fotojornalismo	Digital
Chile	Luciana Macêdo	UNIFAP	2020	Fotojornalismo	Digital
França	Luciana Macêdo	UNIFAP	2020	Fotojornalismo	Digital
Uruguai	Luciana Macêdo	UNIFAP	2020	Fotojornalismo	Digital
Animal	Luciana Macêdo	UNIFAP	2020	Fotojornalismo	Digital
Amapá	Luciana Macêdo	UNIFAP	2019	Fotojornalismo	Digital
Atacama	Luciana Macêdo	UNIFAP	2019	Fotojornalismo	Digital
Suriname	Luciana Macêdo	UNIFAP	2019	Fotojornalismo	Digital
Música	Luciana Macêdo	UNIFAP	2019	Fotojornalismo	Digital
Mídia Cidadania e Inclusão	Claudia Assis Roberta Scheibe	Ria	2021	Comunicação, Cidadania	Digital
Cidadania	Cláudia Assis	Ria	2020	Comunicação, Cidadania	Digital

Ecosistema Jornalístico	Claudia Assis Roberta Scheibe	Ria	2021	Comunicação, Atualidade	Digital
O Ecosistemas Midiático do Novo: Olhares Tecnológicos	Claudia Assis Roberta Scheibe	Ria	2021	Comunicação, Tecnologia	Digital
TransmediaStorytelling e Complexidades Narrativas	Claudia Assis Roberta Scheibe	Ria	2021	Comunicação, Tecnologia	Digital
Novos Meios, Novas Linguagens, Novos Mercados	Jacks Andrade Claudia Assis Roberta Scheibe	Ria	2019	Comunicação, Tecnologia	Digital
Meios e transformação social	Claudia Assis	Ria	2019	Comunicação, Tecnologia	Digital
Paradigmas da educação	Claudia Assis	Ria	2019	Educação, Comunicação, Tecnologia	Digital
Migração do rádio AM para o FM: avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica	Patrícia Teixeira Paulo Giraldi	Insular	2018	Comunicação, Tecnologias	Digital
O Rádio no Amapá: os pioneiros	Paulo Giraldi	UNIFAP	2018	Comunicação, Radiojornalismo regional	Digital

Pensando o Cinema Moçambicano: Ensaios (capítulo)	Danyelle Marques Freire da Silva	Kapulana	2018	História, Cinema	Digital
Política, deliberação pública e organizações sociais na contemporaneidade.	Antônio Carlos Sardinha	UNIFAP	2021	Políticas públicas	Digital
Igreja Virtual: Comunicar para transcender	Paulo Giraldi	UNIFAP	2021	Comunicação/ Tecnologias	Digital
Comunicação estratégica no futsal	Jefferson Saar	UNIFAP	2020	Jornalismo esportivo	Digital
Estudos de cultura: abordagens e perspectivas	Antônio Carlos Sardinha	UNIFAP	2020	Política cultural	Digital
Diálogos entre movimentos sociais, Ministério Público e universidade: a experiência de construção de uma agenda de atuação em políticas públicas e direitos humanos na Amazônia	Antônio Carlos Sardinha	UNIFAP	2020	Políticas públicas	Digital
Pesquisa em gênero e sexualidade: perspectivas e experiências a partir da Amazônia.	Antônio Carlos Sardinha	UNIFAP	2020	Diversidade	Digital
Comunicação midiática & religião:	Paulo Giraldi	UNIFAP	2018	Comunicação	Digital

ensaios teóricos e metodológicos.					
Diversidade e o campo da educação: (re) leituras e abordagens contemporâneas	Antônio Carlos Sardinha	UNIFAP	2016	Diversidade	Digital
Comunicação, mercado e tecnologia.	Claudia Assis, Jefferson Saar	UNIFAP	2015	Comunicação/ Tecnologia	Digital
Convergência midiática e comunicação: cenários, atores e prática	Antonio Carlos Sardinha, Claudia Assis, Elaide Martins Lylia Rodrigues	UNIFAP	2014	Comunicação e cultura, Tecnologia	Digital
Extremo norte, extremo sul	Roberta Scheibe	Virtual Books	2011	Educação, pesquisas acadêmicas	Físico
Nós (Capítulo) Como máquinas computacionais e softwares podem ajudar os meios de comunicação a salvar vidas.	Roberta Scheibe	Fi	2020	Comunicação Sociedade	Digital
Comunicação para a inclusão e a cidadania	Claudia Assis	Ria	2020	Comunicação e sociedade	Digital

Comunicação e Marketing: tendências e desafios	Jacks Andrade	Inovar	2020	Comunicação Marketing	Digital
Tecnologia, comunicação e ciência cognitiva	Walter Teixeira Claudia Assis Jefferson Saar	Momento	2014	Comunicação, tecnologia	Digital
Watchmen e a Teoria do Caos	Ivan Carlo	Marca de fantasia	2014	Filosofia HQ	Físico e Digital
Hiper-realidade e simulacro nos quadrinhos: a fantástica história de Francisco Iwerten	Ivan Carlo	Marca de Fantasia	2019	HQ Realidade-ficção Hiper-realidade	Físico e Digital
Teorias da comunicação: Correntes de pensamento e metodologia de ensino (Capítulo)	Ivan Carlo	Intercom	2014	Pesquisa Teorias da comunicação	Digital
Educação, diversidade e interculturalidades (capítulo)	Jacks Andrade	CRV	2019	Educação e diversidade	Físico e Digital
Planejamento urbano e regional (capítulo)	Jacks Andrade	Atena	2019	Sociologia urbana	Digital

Diversidade o campo da educação: relatos de pesquisa	Antônio Carlos Sardinha	UNIFAP	2016	Educação Diversidade	Digital
Escenários Comunicacional Es- Nuevos Diálogos (Capítulo)	Antônio Carlos Sardinha	Mediaxxi	2021	Comunicação	Físico e Digital
Sociedade, Direito e Justiça - Vol. 2 (capítulo)	Antônio Carlos Sardinha	Initia via	2018	Direitos humanos	Digital
Comunicação e regionalidades	Antônio Carlos Sardinha	Unemat	2013	Linguagens	Digital
Direitos Humanos e Relações Internacionais: debates contemporâneos	Antonio Carlos Sardinha	Editora UFGD	2013	Direitos Humanos	Digital
Dogmatismo tecnológico: O discurso dos papas sobre as tecnologias de comunicação	Paulo Giraldi	São Paulo Camara brasileira do livro	2020	Comunicação tecnologia	Digital
De mãos dadas - Uma reflexão sobre orientações na pesquisa em Comunicação.	Paulo Giraldi	FAC UnB	2018	Comunicação pesquisa	Digital
Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus (capítulo)	Paulo Giraldi	Ria	2020	Comunicação Atualidade	Digital
Nove imaginários dos ins (Capítulo:	Paulo Giraldi	Unb	2018	Comunicação – pesquisa	Digital

Poéticas do inferno- corpo: imaginários do mundo inferior).					
Timoneiros: Fortuna Crítica da Intercom (capítulo)	Paulo Giraldi	Intercom	2014	Comunicação, comunidade	Físico e Digital
Comunicação ibero- americana: os desafios da Internacionalização (capítulo)	Paulo Giraldi	CECS	2014	Comunicação	Digital
Mídias e religiões - A comunicação e a fé em sociedades em midiatização (Capítulo)	Paulo Giraldi	Unisinos	2013	Teologia Comunicação de massa	Digital
Rádio no Brasil: 100 anos de História em (Re)Construção (capítulo)	Patrícia Teixeira	Unijuí	2020	História do Rádio	Digital
Comunicação, Jornalismo e Fronteiras Acadêmicas	Patrícia Teixeira	Edufma	2011	Comunicação	Digital
Pensar em Rede: pesquisa aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais	Walter Teixeira Lima Junior	UNIFAP	2021	Comunicação, Linguagem digital	Digital
Artes: escritos sobre ensino e aprendizagem	Luciana Macêdo	UNIFAP	2017	Arte Linguagem visual	Digital
Visualidade nas artes: olhares e considerações	Luciana Macêdo	UNIFAP	2016	Arte Linguagem visual	Digital
Mulheres atrás das câmeras: as	Isabel Augusto	Estação liberdade	2019	Cinema	Digital

cineastas brasileiras de 1930 a 2018 (Capítulo)					
Ficção e Documentário: Memória e Transformação Social	Isabel Regina Augusto	UnR Rosário	2016	Cinema	Digital
Luzes, Câmera, Palavras	Isabel Augusto	Edufac	2013	Cinema Análise cinematográfica	Digital
História da Comunicação Amapaense	Isabel Regina Augusto E Roberta Scheibe	Virtual Books	2014	Comunicação	Físico e Digital
Introdução ao Jornalismo	Cláudia Assis, Ivan Carlo e Roberta Scheibe	UNIFAP	2014	Jornalismo	Físico
A tessitura do nó Górdio: Redes periféricas em identidades, paisagens, (e-i) migração e comunicação	Isabel Regina Augusto	UNIFAP	2017	Comunicação	Físico
Subjetividades em trânsito: memória, emoção, e-imigração e identidades	Isabel Regina Augusto	UNIFAP/ Bonecker	2017	Migrações Identidade	Digital

Tempos de chorar e de sorrir no espaço da morada: Um estudo socioantropológico de mulheres resistentes marcadas pela tragédia em Macapá- AP.	Roberta Sheibe	UNIFAP	2017	Sociedade e fortalecimento feminino	Digital
Caldo Fino - Crônicas sobre o cotidiano do Amapá	Cláudia Assis e Roberta Scheibe	Virtual Books	2011	Literatura crônicas amapaenses	Digital
Mídia, cidadania e inclusão	Cláudia Assis e Caroline Luvizotto	Ria	2021	Tecnologia e cidadania	Digital
Cidadania	André Sens, Cláudia Assis, Juarez Xavier, Katarini Miguel, Sandra Ruiz, Maria Esperidião e Sérgio Gadini	Ria	2020	Comunicação e cidadania	Digital
Comunicação para a inclusão e a cidadania	Cláudia Assis e Caroline Luvizotto	Ria	2020	Comunicação e cidadania	Digital

Meios e transformação social	Andrea Versuti, Camila Escudero, Catalina Mier, Cláudia Assis, Jamile Santinello, Liliane Ito e Raquel Longhi	Ria	2019	Comunicação social	Digital
Experiências acadêmicas no campo da comunicação	Cláudia Assis, Jacks Andrade e Paulo Giraldi	UNIFAP	2018	Comunicação e pesquisa	Digital
Comunicação Estratégica no Futsal	Jefferson Ferreira Saar	UNIFAP	2020	Comunicação esportiva	Digital
Aspectos comunicacionais e mercadológicos na era dos negócios digitais	André Firmino, Jacks Andrade e Jefferson Ferreira Saar	UNIFAP	2018	Comunicação e tecnologia	Digital
Comunicação, mercado e tecnologia	Cláudia Assis, Jefferson Ferreira Saar e Rafael Vergili	UNIFAP	2015	Comunicação e tecnologia	Digital

Marketing esportivo na marca do pênalti	Jefferson Ferreira Saar	UNIFAP	2014	Comunicação esportiva/ Marketing	Digital
Comunicação Mercadológica na Era das Novas Mídias	Cláudia Assis e Jefferson Ferreira Saar	Virtual Books	2010	Comunicação e tecnologia	Digital
Pensando em Marketing Esportivo	Jefferson Ferreira Saar	Virtual Books	2010	Comunicação esportiva/ Marketing	Digital
Pensar em rede: Pesquisa aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais	Marcelo Träsel, Raquel Longhi, Rodrigo Francisco e Walter Teixeira	UNIFAP	2017	Comunicação e tecnologia	Digital
Cultura Pop, Comunicação e Linguagem	Ivan Carlo	Editora João Pessoa Ed. Macapá Faculdade Seama	2000 2002	HQs Cultura pop	Digital
A bíblia do roteiro de quadrinhos	Ivan Carlo, Alexandre Lobão e Leonardo Santana	Tagore Editora	2020	HQ	Físico
A linguagem dos quadrinhos	Ivan Carlo, Rafael Senra e	Cipó	2020	HQ	Físico e Digital

	Matheus Moura				
Cabanagem	Ivan Carlo	Avec	2020	Ficção	Físico
Hiper-realidade e simulacro nos quadrinhos: a fantástica história de Francisco Iwerten	Ivan Carlo	Marca de Fantasia	2019	HQ Ficção Hiper-realidade	Digital e físico
Introdução a Metodologia Científica	Ivan Carlo	Virtual Books Macapá CEAP	2008 2004	Metodologia	Digital e físico
O uivo da Górgona	Ivan Carlo	Editora Salvador	2016	Ficção	Físico
Francisco Iwerten: a biografia de uma lenda	Ivan Carlo	Editora Curitiba	2016	Ficção	Digital
O roteiro nas histórias em quadrinhos	Ivan Carlo	Editora João Pessoa	2016 2010	HQ	Digital e físico
Caligari	Ivan Carlo	Editora João Pessoa	2010	Cinema HQ	Digital
O Anjo da morte	Ivan Carlo	Hiperespaço	2002	Ficção	Digital e Físico
Galeão	Ivan Carlo	Editora Bravos	2013	Fantasia	Físico
Watchmen e a Teoria do Caos	Ivan Carlo	Marca de fantasia	2014 2005	Filosofia HQ	Físico e digital
Como escrever quadrinhos	Ivan Carlo	Editora João Pessoa	2015	HQ	Digital e Físico
Grafipar: a editora que saiu do eixo	Ivan Carlo	Editora São Paulo	2012	HQ	Físico

Mundo monstro: o estranho caso do vampiro assassino	Ivan Carlo	Infinitum	2011	Ficção	Digital
Queda do muro de Berlim	Ivan Carlo, Leide de Cássia, M. Moura e Jefferson Nunes	Escala	2009	História	Físico
Robin Hood – O justiceiro da floresta	Ivan Carlo	São Paulo: Minuano	2007	Ficção	Físico
Bem-hur – O Guerreiro Libertador Clássicos da literatura juvenil	Ivan Carlo	São Paulo: Minuano	2007	Ficção	Físico
Ciência em quadrinhos	Ivan Carlo	Editora João Pessoa	2005	HQ	Digital e Físico
Critérios de escolha de notícias no jornalismo amapaense	Ivan Carlo	Ed. Macapá: Faculdade Seama	2003	Jornalismo Amapaense	Físico
Agulha hipodérmica: o poder e os efeitos dos meios de comunicação de massa	Ivan Carlo, Calazans e Natal.	Ed. Macapá: Faculdade Seama	2002	Comunicação	Físico
A constituição semiótica da Imagem-documento	Rafael Wagner	Ed. Rio de Janeiro/Macapá: Autografia UNIFAP	2015	Cinema	Digital

*Inserimos neste quadro, além dos livros individuais ou em equipe, os capítulos de livros produzidos por profissionais que atuam na Comunicação no Estado do Amapá.

Algo interessante a ser destacado após o levantamento dessas obras, é que os livros eletrônicos são maioria em nossa pesquisa, também foram caracterizados quase que por unanimidade por sua praticidade, e ganham mais adeptos pela maneira como esse método de leitura permite conectar alunos e pesquisadores com o que há de mais recente e importante nos estudos de suas respectivas áreas.

Quadro 2. Total, temáticas e editoriais das obras levantadas.

Total de obras: 125
<u>Temáticas</u>
Fotojornalismo: 15
Radiojornalismo: 3
Tecnologia: 19
Cinema: 6
Educação: 9
Comunicação: 46
Saúde da mulher: 1
Arte / Linguagem visual: 2
Comunicação / Religião: 1
Educação Ambiental / Sustentabilidade: 2
Marketing: 3
Comunicação / Migração: 2
Diversidade: 2
Jornalismo Amapaense: 2
Cotidiano / Regional: 1
Direitos humanos / Políticas públicas: 3
Ficção / Fantasia: 9
HQ: 11
Sociologia / Filosofia: 2
Metodologia/ Linguagens: 2
Comunicação esportiva: 3
Sociedade e fortalecimento da mulher: 1
<u>Editoras</u>
UNIFAP: 50
Emeritus: 2
Inovar: 4

Atena: 2
Ria: 14
Insular: 1
Kapulana: 1
Tagore Editora: 1
Virtual Books: 5
Avec Editora: 1
Editora Salvador: 1
Editora Bravos: 1
Editora João Pessoa: 5
Hiperespaço: 1
Marca Fantasia: 4
Fi: 1
Momento: 1
Intercom: 2
CRV: 1
Mediaxxi: 1
Initia via: 1
Unemat: 1
Editora UFGD: 1
São Paulo Câmara brasileira do livro: 1
UNB: 2
CECS: 1
Unisinos: 1
Unijuí: 1
Edufma: 1
UNIFAP / Bonecker: 1
UnR Rosário: 1
Edufac: 1
Editora Rio de Janeiro: 1
Editora Macapá – Faculdade Seama: 3
São Paulo – Minuano: 2
Editora São Paulo: 1
Escala: 1
Infinitum: 1
Editora Curitiba: 1

Macapá CEAP: 1

Cipó: 1

4.5 PERFIL DO PRODUTOR DE LIVROS RESIDENTE NO AMAPÁ

Em nossa pesquisa, conseguimos detectar que o autor de livros físicos e sobretudo de obras digitais residentes no Amapá é composto em sua grande maioria por professores doutores que são lotados na Universidade Federal do Amapá, onde a editora da universidade publicou a grande maioria destas obras, com o número de 50 obras. Além disso, comunicação e elementos voltados a essa área, são o principal tema abordado por estes autores que sabem aproveitar muito bem a editora que a universidade oferece. Podemos observar também que os elementos extratextuais, textuais, pré-textuais como capas, ilustrações são muito bem utilizados e na maioria das vezes criados e/ou organizados pelo próprio autor da obra.

Acadêmicos de jornalismo também se utilizam do livro eletrônico para a publicação de artigos, e em trabalhos de conclusão de curso. Como é o caso do livro eletrônico “Parir com amor: relatos de mães e profissionais que lutam por partos humanizados no Amapá”, publicado em 2018, que se trata de um TCC que foi transformado em e-book. Observamos também, que alguns alunos que responderam ao questionário, participaram de projetos junto aos professores, escrevendo capítulos de e-books que podemos encontrar facilmente pela editora da Universidade, como no caso do livro: “O Rádio no Amapá: os pioneiros”, esta e outras obras, trazem uma maior relevância para toda uma sociedade, como também para o curso de jornalismo da UNIFAP.

Essa busca por autores residentes no estado do Amapá na área da comunicação, nos possibilitou um estudo sobre a influência e a importância das novas tecnologias, bem como, fazemos uma análise das modificações e preferências nas formas de leitura e aprendizagem das pessoas atualmente. E com clareza notamos o quanto o momento atual é fortemente marcado pelo desenvolvimento das tecnologias na comunicação e informação, não só na área que nosso estudo estava voltado, mas sim em relação a todos os contextos e em todas as áreas de conhecimento, o que

expôs também que constantemente novas condutas nos campos profissionais e pessoais sejam tomadas, para acompanhar esses avanços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto em nosso trabalho, podemos perceber que livros eletrônicos estão cada vez mais ganhando espaço em nossa sociedade no geral. Embora muitos professores ainda publiquem livros impressos, como o professor Ivan Carlo Andrade Oliveira, é perceptível que na maioria das vezes o próprio autor custeia suas obras. Em outros casos, embora bem específicos, o custo da obra é feito por um edital de valor simbólico oferecido pela universidade a qual o professor está vinculado. De modo geral, na universidade, professores e acadêmicos de jornalismo publicam suas obras por meio digital, exatamente porque não há custos com esta ferramenta, ou os custos são infinitamente menores do que os atrelados aos meios físicos.

Neste trabalho, buscamos analisar os aspectos que vem transformando o livro eletrônico e a produção bibliográfica em fenômeno literário e informativo do século XXI além de buscar conhecer melhor como esta nova realidade de modelo de leitura está inserida na comunicação amapaense.

Tivemos o intuito de contribuir para um melhor entendimento de mudanças provocadas pela evolução tecnológica e a importância desse avanço para o meio social, além de buscar entender a escassez da pesquisa sobre este tema no Amapá. Com isto, procuramos compreender melhor o consumo e produção de leituras em meio eletrônico no Amapá, e compreendemos a democratização de leitura que este formato apresenta.

Para realizar a pesquisa, nos empregamos de pesquisa bibliográfica, de um questionário estruturado realizado na própria internet. Além disso, nos utilizamos de uma descrição qualitativa e quantitativa. Realizamos um levantamento sobre as formas de consumo de livros sobre comunicação consumidos pela classe jornalística no Amapá, bem como sobre as obras produzidas por jornalistas, professores e estudantes de jornalismo do estado do Amapá. Além de fazer um levantamento sobre estes livros produzidos no estado, procuramos também apresentar qual o principal estilo destes livros.

No primeiro capítulo desta monografia procuramos fazer uma discussão sobre a história da leitura que se deu a partir da invenção da escrita. Percorremos os caminhos da leitura também aqui no Brasil, começando no período das colonizações. Explicamos desde a criação da prensa de Gutemberg, a criação do livro impresso, *audiobook* e até os tempos atuais com a criação do e-book. Aqui, buscamos compreender melhor estes adventos e todos os meios utilizados (como a internet) para que todos possam se utilizar desta ferramenta.

No segundo capítulo, buscamos compreender melhor os tipos de leitores que existem e todas as suas características. Além disso, demonstramos quais são as novas formas de leitura e de consumos jornalísticos que mais são aproveitados com a chegada da internet, dos meios eletrônicos e do webjornalismo. Também investigamos qual a influência destes meios e formatos na produção e consumo de e-books. Dentro disto, nós descrevemos as principais características do webjornalismo, além de se fazer compreender melhor alguns elementos jornalísticos que interferem no modo de produzir livros digitais, como por exemplo, a hipertextualidade, multimídia/convergência e memória.

Por fim no terceiro capítulo investigamos, por meio de pesquisa qualitativa e quantitativa a produção e consumo de e-books por comunicadores no Amapá, afim de entender melhor sobre as principais características destas produções. Neste capítulo, procuramos conhecê-los – autores e obras - por meio de pesquisa, quem são os leitores destas obras e entender melhor os seus mecanismos de leitura (onde leem, o que leem).

Além disso, neste capítulo mostramos como nossa pesquisa foi realizada e quais tipos de pesquisa foram utilizadas (pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa e quantitativa e pesquisa descritiva) para que pudéssemos obter o máximo de resultados, bem como todos os dados coletados por meio do formulário.

Neste terceiro capítulo também explicamos os resultados obtidos através do formulário. Detalhadamente, expusemos todos estes resultados através de gráficos gerados a partir do formulário do *Google Forms*. Fizemos um quadro para que a visualização das obras produzidas por jornalistas do amapá, ficassem em destaque.

Diante de todas estas exposições e estudos, podemos concluir que este presente trabalho é de extrema relevância para todo ambiente acadêmico, jornalístico e para a sociedade amapaense em geral, visto que contribui com a memória social do

Amapá, bem como mostra o avanço tecnológico e a crescente utilização de livros eletrônicos como uma realidade no meio em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- BALDESSAR, M. J. **Apontamentos sobre o uso do computador e o cotidiano dos jornalistas**. In: INTERCOM, Campo Grande: UNIDERP, UCDB e UFMS. 2001.
- BASTOS, S. A. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo, Brasiliense: 1982.
- BASTOS, H. **A diluição do jornalismo no ciberjornalismo**. 2013. Disponível em BELO, André. **História e Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede – a Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. 8. ed. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Vanancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 6ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo, 2002.
- CHARTIER, R. **A Aventura do Livro: do Leitor ao Navegador**. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- FRAZÃO, D. **Biografia de Johanes Gutenberg – Inventor e gráfico alemão**. 2019. Disponível em: https://www.ebiografia.com/johannes_gutenberg/. Acesso em: 06/01/2022.
- DRABENSTOTT, K.; BURNAN, C. M. **Revisão analítica da biblioteca do futuro**. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.2, p. 180-194, jun. 1997.
- FACHINETTO, Eliane Arbusti. **O HIPERTEXTO E AS PRÁTICAS DE LEITURA**. Disponível em: <https://educacao-e-tics.webnode.com/files/200000029-9ea10a094a/hipertexto%20e%20as%20pr%C3%A1ticas%20de%20leitura%20-%20Eliana%20Arbusti%20Fachinnetto.pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2022.
- FLATSCHART, F. **Livro digital etc.:** descubra a nova forma de leitura que está mudando o mundo. Rio de Janeiro: Brasport, 2014.
- GARCÍA CANCLINI, N. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2015. (Coleção Os livros do Observatório). Edição digital do Kobo.
- JESUS, P. S. **Letras e Vozes: o Livro Falado e a Preservação da Subjetividade**. Salvador: [s.n], 2008.
- LAINIER, P.; MARTINS, S. **Do livro impresso ao digital**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., 2011, Recife. Anais... Recife: Intercom, 2011.

LÉVY, P. **O que é o Virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996

LINARD, F. **Como funcionava a prensa de Gutemberg.** Super Interessante, 03 ago.2011. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funcionava-a-prensa-de-gutenberg/> Acesso em: 06/12/2021

MACHADO, A. Fim do livro? **Estudos avançados**, São Paulo, v. 8, n, 21,

MATEUS, C. **A utilização das redes sociais pelos jornalistas portugueses: novos desafios éticos e deontológicos para a profissão.**Covilhã, UBI, LabCom, Livros 1-31, 2015.p. 201-2014, mai/ag. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/13.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2021

MINAYO, M. C. S. **AMOSTRAGEM E SATURAÇÃO EM PESQUISA QUALITATIVA: CONSENSOS E CONTROVÉRSIAS.** Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

MIELNCZUK, L. **Características e implicações do jornalismo na Web.** Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf. Acesso em: 12 de janeiro de 2022.

PALACIOS, M. **Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória.** Disponível em: https://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf . Acesso em 13 de janeiro de 2022.

NÓBREGA, C. **A tecnologia que muda o mundo.** Rio de Janeiro: CJT, 2018.

PRADO, M. **Webjornalismo.** São Paulo: Editora LTC, 2010

PROCÓPIO, E. **A revolução dos e-books: a indústria dos livros na era digital.** São Paulo: SENAC-SP, 2013.

RESENDE, E. S. **Jornalismo e Tecnologia – O uso da internet no processo de produção de notícias.**<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/EvieSaramella.pdf>. 2008 Acesso em: 02 de agosto de 2021

SANTAELLA, L. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** 3ª. ed. São Paulo: Paulus, 2009

SCHUNIG, C. al. **Virtualização da sociedade: análise do impacto de novas tecnologias e da internet.** Natal: UFRN, 1999.

SERRA, L. G. **Livro digital e bibliotecas.** Rio de Janeiro: FVG, 2014.

SILVA, R. A. E-books em bibliotecas: novos desafios para os bibliotecários. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: Acesso em 11 de maio de 2021

SILVA, E. T. **A leitura nos oceanos da Internet**. São Paulo: Cortez, 2003

SUAREZ, M. F.; WOULDHYSEN, H. R. ***The Oxford Company to the book***. Oxford: *Oxford University Press*, 2010.

Via internet: **Prensa de Gutenberg** in Infopédia. Editora Porto: 2003-2021. [https://www.infopedia.pt/\\$prensa-de-gutenberg](https://www.infopedia.pt/$prensa-de-gutenberg)

Via internet: **The Digital Consumer Book Barometer**. Mercado de audiolivros. PublishNews 2019. <https://www.publishnews.com.br/etiquetas/the-digital-consumer-book-barometer-2019>